

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

Julia Borges Webber

**Os contratos de parceria e a imigração para o Brasil na obra de
Friedrich Gerstäcker.**

Porto Alegre

2014

Julia Borges Webber

**Os contratos de parceria e a imigração para o Brasil na obra de
Friedrich Gerstäcker**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título licenciado em História.

Orientador: César Augusto Barcellos Guazzelli

Co-Orientador: Gerson Roberto Neumann

Porto Alegre

2014

Aos meus, com todo o amor e carinho.

“Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e carregou com as nossas dores; e nós o refutávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos sarados” (Is, 53, 4 e 5).

AGRADECIMENTOS

Agradevida estou, de todo o meu coração, a Jesus que me susteve nos piores momentos, enxugou minhas lágrimas e me abriu portas que eu nem imaginava, ou merecia, para que hoje eu estivesse aqui, realizando um sonho. Sei que Ele é meu socorro bem presente, o melhor amigo, a rocha firme sobre a qual construí minha casa.

Aos meus primeiros mestres Manoel e Zilca, que nunca mediram esforços nem permitiram que eu recuasse, mas que abriram mão de seus sonhos, a fim de que eu pudesse realizar os meus; acreditaram em mim quando nem eu era capaz. Ao exemplo transferido, ao amor partilhado, pela minha vida, pai e mãe, muito obrigada.

Aquele que viveu de perto minhas angústias e medos, e é o maior exemplo de que sim, nós somos capazes de alçar grandes voos; não só irmão, mas amigo e companheiro. Maurício Webber, o meu Juvenal.

À minha ex-colega de quarto, que virou amiga, irmã (por que não?), Gabriela Aguiar, que me dedicou o trabalho final dela; enfim, também chegou minha vez Gabi.

Aos familiares que torceram pela minha vitória; aos amigos que souberam compreender minhas lágrimas e destemperos devido a semanas de provas, trabalhos, leituras, o TCC... Á Igreja Batista Betel, ministério Três Cachoeiras, a qual congrego desde 2008, agradeço as orações e o amor que nos une, em especial a pessoa do Pastor Suelci Guimarães.

Aos colegas de curso, obrigada por compartilharmos muito mais do que os resumos ou textos. Foram momentos especiais na fila do RU ou no xerox da Clê, minutos antes da prova, no decorrer de cada semestre ou em épocas de tcc. Acredito que quando for me lembrar da faculdade, vocês serão a mais querida lembrança.

Ao orientador e professor César Guazzelli que prontamente aceitou me orientar nessa reta final, colaborando tão sabiamente para a realização deste trabalho. Ao co-orientador da pesquisa, professor Gerson Neumann, que mesmo estando tão longe participou deste trabalho e também me iniciou na pesquisa em 2012, agradeço pelos dois anos de parceria, e de bolsa, os quais foram fundamentais para que hoje eu me sentisse capaz de realizar este trabalho. Agradeço ainda, pelo exemplo de professor, o melhor de todos com certeza.

RESUMO

O trabalho ocupa-se da análise de uma família, os Behrens - e sua trágica vinda ao Brasil – personagens centrais do conto “Ein Parcerie-Vertrag. Erzählung zur Warnung und Belehrung für Auswanderer und ihre Freunde”, (Um contrato de parceria. Conto para a advertência e instrução de emigrantes e sua companhia) de Friedrich Gerstäcker, publicado em 1869, em Leipzig. Nessa obra, o autor trata de um tema polêmico para a época: os contratos de parceria. Em 1850 o governo imperial brasileiro assinou a Lei de Terras, onde ele se retirava do papel de agente do projeto de imigração, deixando essa tarefa com possíveis interessados, os quais seriam os responsáveis pelo desenvolvimento de colônias e arcariam com todas as despesas. A falta de fiscalização e toda a liberdade dada pelo governo abriu margem para que falsos contratos fossem assinados, como foi no caso da família do referido conto; a propaganda, fantasiosa, foi a arma utilizada para atrair tais contratantes. Os futuros colonos deveriam trabalhar até saldar a dívida de acordo com o que fora gasto na viagem, para só então serem homens livres; porém, no conto – isso não ocorreu somente na literatura – a família de Behrens passa longos anos em situação de semiescavidão numa fazenda de café no interior de Minas Gerais. Aproximando literatura a fatos históricos e com base em diversos estudos acadêmicos, em especial o trabalho elaborado pelo centro de estudos históricos e culturais da instituição João Pinheiro (BH, 1992), sabe-se que houve uma colônia criada no interior de Minas Gerais pelo senador Teófilo Otoni, o qual foi responsável direto pelo desenvolvimento da Companhia de Navegação e Comércio do Mucuri, em 1847, política esta que visava o povoamento da região do nordeste mineiro com imigrantes de origem alemã e o desenvolvimento da economia regional. Mesclando Literatura e História, pretende-se com este trabalho, mostrar o quanto essas duas ciências podem ser companheiras no decorrer das pesquisas, e juntas, são capazes de elaborar reconstruções do passado, guardando a memória coletiva, dentro de poucas páginas.

Palavras-chave: Imigração. Contratos de parceria. Friedrich Gerstäcker. Literatura.

¹ WEBBER, Julia Borges. **Os contratos de parceria e a imigração para o Brasil na obra de Friedrich Gerstäcker**. 2014. FOLHAS. TCC (Graduação) – Curso de História, IFCH. Departamento de História, UFRGS, Porto Alegre. 2014.

ABSTRACT

The paper is an analysis of a family, the Behrens – and their tragical coming to Brazil – main characters of the tale “Ein Parcerie-Vertrag. Erzählung zur Warnung und Belehrung für Auswanderer und ihre Freunde” (A partnership contract. Tale for advertising and instruction of emigrants and their company) of Friedrich Gerstäcker, published in 1869, in Leipzig. In this work, the author deals with a polemic topic, considering the time: the partnership contracts. In 1850, imperial government of Brazil signs the Law of Lands, in which he quitted himself from the duty of being an agent of the immigration's project, leaving this task with possibly interested people, who would be responsible for the development of the colonies and arch with all the expenses. The lack of supervision and all the liberty given by the government allowed fake contracts to be signed, in the same way as the family of the cited tale; the advertising, fantastical, was the weapon used to attract such contractors. The future colonists should work until they cleared the debt accordingly to what was spent on the trip, and only then, they would be free men; however, in the tale – this didn't occur only in literature – the Behrens family spend long years in a half-slave situation in a coffee's farm, at countryside of Minas Gerais. Approximating literature to historical facts, and based on several academic studies, specially the paper elaborated by the center of historical and cultural studies of the João Pinheiro Institute (BH, 1992), it's known that there was a colony created at countryside of Minas Gerais by the senator Teófilo Otoni, who was directly responsible for the development of the Mucuri's Company of Navigation and Commerce, in 1847, in a policy that aimed to populate the northeast of Minas Gerais with immigrants of german ancestry and the development of regional economy. Mixing Literature and History, this paper intends to show how much these both sciences can be fellows as the researches advance, and together, they are capable of creating reconstructions of the past, preserving the collective memory, within a few pages.

Keywords: Immigration. Partnership's contracts. Friedrich Gerstäcker. Literature.

²The partnership contracts and the immigration to Brazil in Friedrich Gerstäcker's work. 2014. PAGES. TCC (graduation) - History's course, IFCH. History's Department. UFRGS, Porto Alegre. 2014.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 DEBATE ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: APRESENTAÇÃO.....	11
2 PROCESSOS DE IMIGRAÇÃO E A RELEVÂNCIA DOS CONTRATOS DE PARCERIA. A COMPANHIA DO MUCURI E A TRAJETÓRIA DE TEÓFILO OTONI.....	17
2.1 CONTRATOS DE PARCERIA BREVE ANÁLISE.....	22
2.2 TEÓFILO OTONI E O MUCURI.....	24
3. VIAJANTES, LITERATURA DE VIAGEM E O AUTOR EM QUESTÃO: FRIDRICH GERSTÄCKER.....	28
3.1. A LITERATURA DE VIAGEM.....	25
3.2. O AUTOR.....	32
4. A TEMÁTICA DOS CONTRATOS DE PARCERIA NA OBRA DE FRIEDRICH GERSTÄCKER.....	36
4.1 O QUE AS OBRAS FALAM A RESPEITO.....	36
4.1.1. Contexto do romance “Die Colonie: Brasilianisches Lebensbild”.....	37
4.1.2: “Ein Parcerie-Vertrag. Erzählung zur Warnung und Belehrung für Auswanderer und ihre Freunde”: enredo e contextualização.....	38
4.2. OS CONTRATOS DE PARCERIA NA OBRA DE FRIEDRICH GERSTÄCKER.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho dará continuidade ao que já vem sendo desenvolvido como atividade de Iniciação Científica desde 2012, este vinculado a um projeto de pesquisa maior intitulado “*Uma mulher escritora no século XIX e um viajante que passou pelo Brasil - Amalia Schoppe e Friedrich Gerstäcker - a representação do Brasil em dois autores alemães do século XIX*”, coordenado pelo professor doutor Gerson Roberto Neumann, do setor de Alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A análise será voltada para a abordagem realizada por Gerstäcker, quanto ao uso dos contratos de parceria e a fraude contida em muitos deles; sob tal assunto, o autor compôs um conto onde relata a vivência de uma família, os Behrens, que assinou um contrato a fim de construir vida nova no Brasil, mas acabou passando por inúmeros infortúnios ao chegarem aqui e ver o sonho virar pesadelo.

O recorte temporal será regido pelo enredo do conto utilizado como objeto de análise, posto que ele retrate um Brasil pós Lei de Terras (1850), onde o governo imperial brasileiro retirava-se do papel de principal agente do projeto de imigração, cargo ocupado desde o início do século XIX, deixando essa tarefa com possíveis interessados, os quais passaram a ser os responsáveis pelo desenvolvimento de colônias e devessem arcar com todas as despesas demandadas ao longo desse processo. Um Brasil que passava também por mudanças sociais, pois leis favoráveis ao fim da escravidão entravam em cena, forçando fazendeiros e quem mais precisasse de mão-de-obra, a buscar outros recursos, sendo os contratos de parceria um excelente negócio: pessoas seriam compradas e trabalhariam gratuitamente na lavoura, enquanto pensavam pagar por algo que nunca seria contabilizado.

Limitando-se especialmente ao interior de Minas Gerais, visto ser este o principal cenário do conto: local onde a família viveu por dez anos em situação de semiescravidão numa fazenda de café, até chegar o dia em que são libertos e realojados em Blumenau.

A relevância da futura pesquisa insere-se nas perspectivas social, histórica, cultural e literária, visto as inúmeras lacunas que ainda existem no Brasil, vide simplesmente o fato de que as obras de Gerstäcker ainda não estarem traduzidas para o Português, fato este que explica seu desconhecimento dentre a população. A partir disso, será proposta a leitura, análise e discussão de um conto, apresentando assim o

panorama que o autor cria sobre a emigração alemã para o Brasil no século XIX, através de sua perspectiva como viajante, e também toda a visão da sociedade da época recriada nas obras pelo autor. Com isso, tem-se a possibilidade de realizar a leitura de uma obra com a representação do Brasil feita por um autor não pertencente ao cânone literário alemão, mas que no referido período era de grande destaque, pois escolheu escrever sobre um tema relevante para a época: a emigração. Além disso, a produção literária sobre o assunto oferece aporte às demais produções, geralmente não-ficcionais, visto a recriação de diversos cenários e panoramas da realidade brasileira do século XIX.

Com isso, resta – ao longo dos estudos – averiguar o quanto a realidade está próxima da ficção, o quanto fatos históricos podem estar presentes, ou não, em obras de cunho literário, como no caso aqui descrito. Não se trata de uma discussão final, mas acredita-se que novos pontos sobre o debate História e Literatura (o tanto que uma está inserida nos estudos da outra) poderão ser acrescentados ao final do trabalho, posto a riqueza do contexto histórico presente na obra escolhida como objeto de pesquisa.

O estudo se ocupa de apenas um dos autores alemães, Friedrich Gerstäcker, visto sua vinda para o Brasil em 1860, a qual serviu como inspiração para suas futuras publicações, sendo um diário de viagem, um romance e um conto, todos com ambientação e rica descrição sobre o país; aqui, ele visitou colônias e viu de perto a realidade e as histórias dos imigrantes, as quais o inspiraram em duas obras literárias: o romance “*Die Colonie – Brasilianisches Lebensbild*”³, escrito em 1862 e o conto “*Ein Parcerie-Vertrag. Erzählung zur Warnung und Belehrung für Auswanderer und ihre Freunde*”⁴, este em 1869. O romance será abordado superficialmente, pois é o conto o objeto de pesquisa a ser abordado nesse estudo.

A obra foi escrita em alemão gótico, e não possui tradução para o português; porém, o estudante de Letras-Alemão Eduardo Carvalho trabalhou nessa tradução, no período vigente entre 2013 e 2014, como bolsista CNPQ do professor Gerson Neumann, também do setor de Alemão. Ao tomar conhecimento desse trabalho que meu colega de bolsa realizava, entrei em contato e obtive a tradução parcial e extraoficial da obra, fato este que tornou a pesquisa menos árdua.

³ “A colônia – Imagens da vida brasileira”.

⁴ “Um contrato de parceria. Conto para a advertência e instrução de emigrantes e sua companhia”.

O conto permite ao público leitor uma visão do emigrante enganado – no caso, a família Behrens -, após a assinatura de um contrato de parceria. Fora da ficção, Minas Gerais contava com um histórico desfavorável sobre companhias que agenciavam viagens de imigrantes; apesar de contar com a influência do político Teófilo Otoni, fundador da Companhia de Comércio e Navegação do rio Mucuri em 1847, e principal criador da colônia Filadélfia (atualmente, o município leva o nome do político), esse fato não foi o bastante para evitar que pessoas fossem enganadas por falsos agenciadores, como no caso das personagens centrais do conto.

O estudo foi dividido conforme a seguinte ordem: no primeiro capítulo foi elaborada uma apresentação dos pontos relacionados com a aproximação da História com a Literatura, tema tratado por Roger Chartier, Hayden White entre outros. À seguir, foi montado um breve panorama sobre os processos de imigração iniciados no Brasil, oficialmente, em 1824, além de discorrer sobre as fases e a criação de colônias particulares como a do senador Teófilo Otoni em Minas Gerais. O terceiro capítulo consiste na apresentação do autor, a importância de suas viagens para a escrita de suas obras e o destaque que a literatura de viagem possui no meio histórico. Por fim, o quarto capítulo abordou a temática dos contratos de parceria, sendo analisada sua relevância para a constituição das relações de trabalho, e a seguir foi trazido sob essa óptica o conto onde o autor aborda tal tema; para isso, foi apresentado um breve resumo do conto, além de mencionar outra obra em que o autor trabalha essa questão. Mas, por ser o tema central, o destaque do trabalho cabe apenas ao conto, sendo que o romance será citado como mais uma abordagem, do mesmo autor com o mesmo tema.

Capítulo 1. Debate entre Literatura e História: apresentação

A conversa entre História e ficção já se arrasta ao longo de alguns anos; porém, mesmo não se tratando de uma árdua batalha travada entre esses dois campos do saber, um resultado que seja satisfatório para ambas as partes parece estar longe de se firmar. Por estarem muito próximas uma da outra, ora servindo como ciência auxiliar ora como forma de confrontar a fonte e sugerir novos questionamentos, ambas as áreas se aproximam e se afastam, conforme o referencial da pesquisa. Há uma película que separa o campo da historiografia e o da literatura: na teoria, a História é caracterizada como a responsável por “contar a verdade” referente ao passado; ela é classificada por Marc Bloch como a ciência dos homens, no tempo (2002, p. 55); e a literatura tem a liberdade de usar o traço da ficção, sem qualquer responsabilidade com relações entre o real e o imaginário. O historiador toma como ponto inicial os documentos, dos quais irá formular questões a serem problematizadas; se desejar, o literato pode fazer uso de fontes, mas, simplesmente observa os acontecimentos, e discorre por meio da imaginação.

Todavia, não há como negar a relevância e o uso que os historiadores tem feito da literatura, muitas vezes, para reconstituir traços significativos dos costumes dos povos mais antigos, ou da sociedade num geral, independente de época; nessa percepção, o destaque vai para os relatos de viagem ou diários de bordo, que foram produzidos por aventureiros, que decidiam conhecer outras partes do mundo e que na volta, desejavam repartir todo o conhecimento com leitores, por exemplo, Cristóvão Colombo, ou Marco Polo, e ainda, Ibn Battuta. Viajantes, assim como Gerstäcker, que descreveram suas viagens, os lugares por onde passaram – seja em diários, ou em forma de conto, romance - formando um legado precioso aos historiadores.

Imparcialidade, objetividade, linguagem acadêmica, exatidão, monopólio do passado, e a atual insatisfação do saber histórico. Quanto custou à História adentrar o campo das ditas “ciências”? Quem disse que é preciso separar o fictício do real, impossibilitando que um apoie o outro? A tarefa do historiador já é árdua por si só, e se não tiver ao seu favor as disciplinas auxiliares, o que será da História?

Para tornar as fontes em dados e fazer bom uso delas, com relação ao passado que representam, é preciso antes de tudo, deslocar-se espacialmente

Se o historiador quer tratar com justiça os indivíduos cujos atos registra, deve voltar à sua época e, pondo-se onde eles estiveram, tentar enquanto possível, ver as coisas como lhe pareciam aos seus próprios olhos, segundo a visão que tinham deles mesmos, à mesma luz, sob o mesmo ponto de vista através dos mesmos recursos (CÉZAR, 2007, p. 308).

Ou seja, o historiador ao se deparar com a fonte deve esvair-se de toda cultura, conhecimento até ali adquiridos e se transportar, como que numa máquina do tempo, para a época do registro e só assim “estudar os fatos”. Tal tarefa é complicada e requer muita habilidade por parte de quem se dispõe a fazê-la. Pois, o primeiro olhar é carregado de analogias, concepções e teorias que estão impregnados ao observador, por isso a necessidade de um olhar mais distante, sem ser superficial, a fim de evitar enganos e falsas comparações.

Assim como Hayden White afirma

A arte da historiografia vem envelhecendo ao longo dos anos, pelo fato dela estar mais relacionada com as ciências tidas como “duras” - devido ao uso da linguagem estritamente acadêmica, e o constante emprego de conceitos que estão distantes do público- do que da arte (a História deveria ser lida como um romance) (WHITE, 1978, p. 34).

Este fato aumenta a rivalidade, pois a História, tal qual outra ciência, precisa ser objetiva, coesa, sem prestar esclarecimentos à subjetividade.

Assim com a História, a Literatura, goza de outras preocupações, inerentes ao seu campo de pesquisa:

Ela não está preocupada em dar conta cientificamente de uma realidade passada [...] A Literatura é capaz de algo que comumente é negado ao historiador: quando, pelas suas qualidades um autor consegue criar vida em determinada conjuntura e numa sociedade específica, muitas vezes ela – antes mesmo que a História- pode ser mais reveladora daquela verdade buscada (GUAZZELLI, 2009, p. 2)

A relação desses dois campos do saber se dá segundo as diversas modalidades com que os textos serão apropriados; assim como o historiador deve questionar o documento para que então possa obter alguma informação, assim também será a

utilização do texto literário. Trata-se da melhor forma quanto ao manuseio dos registros. Eis, possivelmente, uma certeza entre tantas inquietudes.

Todavia, se os relatos ou a própria literatura, numa forma mais geral, é posta em questionamentos quanto a sua veracidade, por que as fontes não podem passar pelo mesmo processo de dúvida? Crer fielmente nos documentos leva a afirmações falsas, no entanto, as fontes são o meio de trabalho do historiador.

O realmente acontecido não chega ao pesquisador senão por meio de testemunhos, que não são de modo algum totalmente confiáveis. Por mais que a crítica das fontes seja invocada para separar o verdadeiro do falso nos documentos, esta operação comportará intuição, escolha e seleção pelo historiador (VIEIRA, 2009, p. 22).

Essa distância existente entre o acontecido e o narrado, acaba por impregnar as fontes que servirão de sustento para a confecção do saber histórico; como afirma Vieira (2009, p. 18), “a literatura afasta de si a pretensão de ser uma voz autorizada sobre o pretérito, limitando-se ao verossímil ou, no máximo, a “ficcionalizar” a narrativa histórica”.

Utilizar-se-á outros autores que também trataram do tema “História e Literatura” a fim de sustentar a ideia central do vigente projeto: o uso de literatura como fonte histórica. Mas, também é importante a contextualização histórica do país de destino que esses emigrantes buscam: no caso o Brasil. Dessa forma, as obras de Caio Prado Júnior⁵, Sérgio Buarque de Holanda⁶, Maria Luiza Renaux e Luiz Felipe de Alencastro⁷ e Emílio Willems⁸, este último a partir de uma perspectiva sociológica. Nesse momento também são importantes as obras deixadas por outros viajantes que passaram pelo

⁵ PRADO Jr. Caio. *História Econômica do Brasil*. 15. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1972.

⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1962, Tomo I e II.

⁷ RENAUX, M. L.; ALENCASTRO, L. F. “Caras e Modos dos Migrantes e Imigrantes”. In: NOVAIS, Fernando A.; ALENCASTRO, L. F. de. *História da vida privada no Brasil: Volume 2*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁸ WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940 e *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1946.

Brasil e deixaram registradas suas impressões. Neste sentido, a obra da historiadora Karen M. Lisboa⁹ vem muito bem ao encontro das nossas necessidades.

Não obstante, o uso de um conto como fonte primária requer cuidados, primeiramente por ser o objeto, a fonte primária de análise do trabalho e isso já seria o suficiente, se não fosse o caso da fonte ser uma literatura, trazendo consigo todas as questões e inúmeros debates que a situação demanda, e que muitos outros historiadores, literatos e críticos num geral, já fizeram. Em nenhum momento será apresentado o veredito final sobre essa relação dúbia, já que seria muita pretensão por parte da autoria, mas trazer em cena debates atuais, aonde autores vem defendendo a qualidade das produções literárias na formulação de conjunturas será um dos objetivos no decorrer do trabalho.

Para tal discussão, foi usada a introdução da tese de mestrado intitulada “De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso. Um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)” de Carla Gomes¹⁰, onde ela faz uma discussão sobre o uso da literatura como fonte histórica, atentando para o fato de não considerar as narrativas literárias apenas como “meros documentos” (GOMES, p. 11), fugindo de uma análise somente do seu aspecto linguístico, mas aponta para uma visão do texto como, aqui cito, “um valioso vestígio remanescente de uma época” (GOMES, p. 12). A autora aponta para o uso da literatura, dentre tantas outras vias, como conhecimento do passado posto que ela se apresente como um depoimento indireto e sensível do passado (GOMES, p.16): indireto por não se tratar de um registro histórico claro e sensível por ser uma fonte permeada de subjetividades que o historiador deve sempre considerar. A autora, ao longo de sua apresentação, dedica algumas páginas para discutir os limites e atuais desafios recorrentes nessa jornada de buscar na literatura, algo que a aproxime aos registros e que possibilite seu emprego, oficialmente, como fonte histórica. Em determinada passagem, Gomes usa uma definição - mesmo que abrangente - para literatura, como sendo

⁹ Vide, entre outras, LISBOA, Karen M. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na 'Viagem pelo Brasil' (1817 – 1820)*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, Estudos Históricos 29, 1997.

¹⁰ GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso. Um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*. 2006. 356 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

Um conjunto de obras produzidas em qualquer campo do saber desde a Filosofia até a Geografia, da Medicina até a História ou do Direito à Arquitetura e que expressam a capacidade do ser humano de abstrair, ou seja, de representar através de palavras [...] a compreensão humana do mundo (GOMES, 2006, p. 16)

Portanto, sem generalizar ou limitar-se a tal significado, a partir disso abre-se uma lacuna que permite a correlação do texto literário como documento visto tratar-se (o texto) de um registro realizado pelo seu autor, seja da sociedade, ou de outro aspecto pertinente, provavelmente, próximo à sua realidade. Contudo, sabe-se que tal registro está repleto de valores e crenças, demonstrado pela linguagem empregada na escrita, que acaba por adquirir outros significados no decorrer dos anos. Isso esclarece a questão de que, nem a História nem a Literatura são fontes inesgotáveis de verdades, ou inverdades. A primeira apresenta esse papel, de registrar – e esclarecer – a memória social, relacionando fatos com verdades históricas; enquanto que a segunda não apresenta essa “obrigação”, o que lhe permite brincar com a realidade, apresentando a sua versão dos fatos, não tão preocupada nem tão centrada em formular reconstruções e organizar a memória coletiva.

Vargas Llosa no texto “*La verdade de las mentiras*”¹¹, que é a introdução de seu livro, sobre o mesmo tema, e afirma que os romances mentem, mas o fazem seus autores pelo fato de que o homem não está contente com sua vida, deseja ter outra, apesar de que isso não é possível. Para realizar tal vontade é que nasceram as ficções: dar ao leitor uma vida distinta (1990, p.16), transformando-a de algum jeito. Contudo, no embrião de cada romance habita uma inconformidade, seja do autor ou da sociedade, enfim, algum ponto que de uma forma ou outra será tema no romance. Ou seja, mesmo se tratando de ficção, não é do vazio que o autor inicia sua obra: há sempre algo a ser desenvolvido com o texto, uma abordagem, ou inquietude que será demonstrada ao longo das páginas do livro.

Visto isso, Llosa destaca características particulares de cada ciência, dentro da relação de ambas com o fator “verdade”, pois tal palavra assume posturas diversas dentro da História como da Literatura

¹¹ LLOSA, Mario Vargas. *La verdade de las mentiras*. In: *La verdade de las mentiras*. Editora Seix Barral. Perú. 1990.

La noción de verdade o mentira funciona de mandera distinta em cada caso. Para el periodismo o la historia la verdade depende del cotejo entre lo escrito y la realidade que lo inspira. A más cercanía, más verdade, y, a más distancia, más mentira [...] la verdade de la novela no depende de eso. ¿De qué, entonces? De su própria capacidade de persuasión, de la fuerza comunicativa de su fantasia, de la habilidade de su magia (LLOSA, 1990, p. 21).

Não obstante, a verdade literária estará no poder de convencimento de determinada trama, em conjunto com a credibilidade depositada pelo leitor. No entanto, Llosa assume que há uma verdade histórica e outra literária, e que mesmo repleta de inverdades, os romances contem no seu mais profundo íntimo, inquietações que são liberadas nas páginas dos romances

la litaretura cuenta la historia que la historia que escriben los historiadores no sabe ni puede contar. Porque los fraudes, embaucos y exageraciones de la literatura narrativa sirven para expresar verdades profundas e inquietantes que sólo de esta manera sesgada vem la luz (LLOSA, 1990, p. 25).

Portanto, Llosa acredita que a ficção é capaz de enriquecer a existência humana, compensando-a da sua trágica realidade, pois pelas páginas de uma literatura é sempre possível sonhar e desejar sempre mais do que se pode alcançar.

Por fim, acima de todas as questões que possam envolver esse debate, é preciso destacar que quaisquer que sejam as contribuições para o desenvolvimento do saber, sejam por parte da História ou da Literatura, serão validas enquanto formação e aquisição do conhecimento. Cabe aos historiadores atentar para o que as fontes literárias tem a dizer sobre contextos, e buscar nelas outra forma de escrita histórica.

Capítulo 2. Processos de imigração e a relevância dos contratos de parceria. A companhia do Mucuri e a trajetória de Teófilo Otoni

Desde muito tempo o homem se desloca pela superfície terrestre: nos primeiros tempos, o motivo era dado pela procura de alimento ou abrigo, fugindo das baixas temperaturas, ou desbravando novos territórios, enfim, tratou-se de uma busca por um algo melhor daquilo que se vivia no presente. De uma forma geral, foi esse um dos principais motivos que impulsionou a imigração da Europa para o Novo Mundo no século XIX.

A Europa passava por inúmeras transformações no meio rural, em especial, a Alemanha¹² permanecia sob bases agrícolas, avessa ao capitalismo, enquanto as ondas revolucionárias mudavam o cenário econômico do continente europeu. Todavia, a introdução brusca da indústria a partir da segunda metade do século XIX abriu caminho para novas oportunidades no meio urbano, deslocando grande parte da população rural para a cidade. No campo, a miséria assolava as famílias, e não havia recursos que amparassem todo o povo carente; as marcas do feudalismo ainda eram vigentes, segundo a dificuldade em ter acesso à terras, seguido de crises de má colheita e as epidemias que atingiam em cheio a população, quer rural pelas péssimas condições de acesso a recursos, quer urbana pelo grande contingente a ser atendido; no entanto, nesse cenário ainda havia espaço para perseguições religiosas, o que aumentava o sofrimento de parte desse povo.

Por sua vez, o Brasil como país jovem, recém havia passado pelo processo de independência, precisava de mais habitantes e de mão-de-obra para o imenso território. Ainda, o imperador D. Pedro intencionava formar um exército com soldados europeus, visto que o reconhecimento por Portugal frente ao novo país (e ex-colônia) não havia ocorrido, além de preparar resistência armada para o caso de uma invasão. Então, o governo brasileiro enviou agentes de imigração para a Europa, a fim de fazerem propaganda sobre o Brasil, e os inúmeros recursos oferecidos por essa terra cheia de encantos e inúmeras expectativas; a divulgação dessas possibilidades de imigração deu-se principalmente nos estados alemães e na Suíça. Assim, levaram esperança ao povo, motivando-o com informações e promessas; aos que recebiam o recado, bastava que

¹² Formada por 38 estados, a Confederação Germânica permaneceu resistente à unificação até o fim do século XIX, quando então passou a formar um país.

largassem o pouco que tinham na Europa e se deslocassem ao Brasil, buscando alcançar a riqueza desejada, rumo ao sonho de “fazer a América”¹³.

Visto a situação penosa vivida em alguns lugares na Europa, somado à campanha de propaganda determinada pelo governo imperial, muitos embarcaram rumo ao Novo Mundo. Tal decisão recai sobre a realidade (miséria, e outras muitas dificuldades) e a possibilidade de mudar de vida, partir em busca de um novo sonho. As condições que os países, de origem e o de recepção, oferecem são determinantes para o processo de imigração, e ainda

Na perspectiva do imigrante, foram os subsídios e as possibilidades de poupar e ter acesso a terra, veiculados pelas propagandas e agentes recrutadores, que tornaram o mercado brasileiro tão atraente, e as dificuldades econômicas e as constantes guerras, que não só produziram a redução de população e miséria, como também uma desorganização da economia camponesa, constituíram-se fatores de expulsão dos alemães do território de origem (GAZZINELLI, 2012, p. 68).

Nesse período, formou-se um cenário de repulsão e atração: enquanto as condições no Velho Mundo eram latentes, o Brasil, a partir de 1808 com a abertura dos portos às nações ditas “amigas”, praticamente estendeu os braços a fim de receber essa população, ávida por terra e trabalho, buscando o sonho de um novo mundo e uma nova vida.

Classificadas em três principais fases¹⁴, a vinda de imigrantes “alemães” ao Brasil costuma ser dividida de acordo com a quantidade que chegaram aos portos brasileiros, e o contexto associado a esses movimentos. Na primeira fase, iniciada antes mesmo da Independência (1822), chegavam imigrantes para fundar a colônia Leopoldina na Bahia em 1818, projeto esse que fracassou. Outra tentativa ocorre um ano depois com a fundação de Nova Friburgo, colônia formada por imigrantes suíços, no Rio de Janeiro; o fracasso não é imediato, mas as dificuldades fazem alguns colonos mudarem para outras regiões. Todavia, o marco inicial da colonização alemã no Brasil foi determinado pelo ano de 1824, data estabelecida e confirmada por pesquisadores

¹³ Expressão que remete ao desejo de vida nova, com fartura e sucesso, que os imigrantes construiriam no Novo Mundo, tornando-se este um grande motivo para a viagem.

¹⁴ A forma de classificar as fases de imigração é semelhante entre os autores estudados. No entanto, será utilizada a separação feita pela professora Dr^a Valburga Hüber.

como Giralda Seyferth, Valburga Hüber, entre outros estudiosos dessa temática. O fato que determinou tal data, foi a fundação da colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, visto se tratar do primeiro empreendimento colonial bem sucedido. Ainda no final da década de 1820, outras colônias foram fundadas, como São Pedro de Alcântara e Mafra, em Santa Catarina, e Rio Negro, no Paraná; essas primeiras formações determinam a fase inicial do projeto imigratório, que logo foi interrompido devido a Guerra dos Farrapos (1835-1845), ocorrida no sul do país.

Nessa primeira fase, não houve políticas que regulassem a vinda de imigrantes nem o seu assentamento, oficial, nas terras devolutas do governo; os colonos que já moravam no Brasil também sofreram dessa falta de legislação, e segundo o estudo realizado pela Fundação João Pinheiro

É importante destacar que a prática de colonização por imigrantes, que concedeu privilégios ao estrangeiro, não foi acompanhada por uma política equivalente de assentamento de colonos nacionais. Um programa dessa natureza teria sido fundamental para a integração econômico-social da população livre do país, sobretudo após a extinção do trabalho escravo (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1992, p.29)

Essas colônias foram organizadas sob o sistema de pequena propriedade agrícola familiar, voltada para o desenvolvimento da agricultura e da economia dessas regiões coloniais; contudo, as promessas feitas pelo governo brasileiro aos imigrantes foram muitas: desde o pagamento das passagens até custos gerados na viagem. Os que se dispusessem a vir como soldados receberiam, a partir do embarque, um soldo em dinheiro. Ao chegar ao Brasil, o colono poderia escolher qual função desempenharia (se soldado, colono ou artesão). Para os que se dirigissem ao campo, ficaria garantido um lote gratuito, além da assessoria adequada para sua manutenção, como sementes e ferramentas para o trabalho. No entanto, Spinassé confirma que os imigrantes “não encontraram a terra e as ferramentas a sua espera: eles tiveram que abrir espaço na mata virgem e eles próprios demarcarem seus lotes, além do isolamento e da falta de infraestrutura, o que ocasionou inúmeros conflitos, epidemias, entre outros problemas” (SPINASSÉ, 2008, p. 130).

Por não haver uma Alemanha unificada nessa época¹⁵, os imigrantes que aqui chegavam eram integrantes de variados grupos étnicos, com seus costumes e dialetos próprios; havia pomeranos, prussianos, austríacos, contudo o isolamento em que eles passaram a viver no novo país reforçou o desenvolvimento de um sentimento político, religioso e étnico próprios. Para Spinassé, “o dialeto falado pela maioria dos imigrantes passou a vigorar nas colônias, sendo esta homogeneização linguística a responsável pela sobrevivência e integração dos colonos na fase inicial” (SPINASSÉ, 2008, p. 130), visto as dificuldades que os imigrantes enfrentaram.

Em 1850, duas importantes leis foram assinadas no Brasil, e que tiveram forte influência sobre o projeto de imigração, iniciando a sua segunda fase: a Lei de Terras e a Euzébio de Queiroz. A primeira passa a responsabilidade da colonização, e de todos os detalhes como o deslocamento, o assentamento e demais providências, aos governos das províncias e a iniciativa privada. Já a segunda lei, extinguiu a vinda de novos escravos trazidos de fora do país. Esse contexto transformou a finalidade de trazer mais imigrantes: era preciso mão-de-obra “barata” a fim de suprir, em longo prazo, os escravos. No entanto, deve-se atentar que tal alternativa não deve ser associada, nessa época, ao fim da escravidão ou a tomada de consciência de sua prática como desrespeitosa para com o ser humano; como afirma Raul Rebello Vital Junior

O fato de a imigração ser percebida como alternativa à diminuição de mão-de-obra escrava, não se dá em decorrência de pensar o escravismo como uma instituição imoral. O sistema é percebido como arcaico. Nestes termos, a África não é cogitada como continente que pudesse servir como base migratória, mas percebida como um continente bárbaro [...] Trazê-los em outra situação, que não a de escravos, terminantemente desqualificaria uma sociedade em formação como a brasileira. Logo, não se rompe com uma percepção “naturalizada” no Brasil do século XIX sobre a inferioridade do negro diante do imigrante europeu (JUNIOR, 2011, p. 180).

A luta dos grandes proprietários rurais girou em torno da manutenção do sistema escravista; a mão-de-obra escrava praticamente deixou homens livres fora do sistema produtivo, se forem considerados as inúmeras vantagens econômicas tidas pelo trabalho escravo.

Com esse contexto, onde o governo não ofereceria mais lotes de terras aos imigrantes, nem outra assistência, e o tráfico de escravos estava proibido, fez-se latente

¹⁵ A unificação ocorre só em 1871.

uma nova onda de imigrantes, dando início ao processo de substituição, ou mesmo implementação de mão-de-obra. Nesse momento, surgiu um lucrativo negócio, entrando em cena as companhias particulares de imigração: os imigrantes, desde sua vinda, sua instalação e o futuro desenvolvimento de colônias, enfim, todos os detalhes ficavam a cargo de agentes privados. Havia agências instaladas no país de origem, a fim de atrair imigrantes, com uma lógica ligada ao trabalho livre (SEYFERTH, 2006, p. 120), e outros agentes espalhados aqui no Brasil, para negociar com fazendeiros, ou quem mais se interessasse, nos trabalhadores recém-chegados. Para tal tarefa, foram utilizadas diversas formas de propaganda, como fotos, cartas de parentes falsas, jornais, promessas de abundância de alimentos, terra e trabalho, além de outras muitas propostas fantasiosas.

Contudo, é através de investimentos privados que se desenvolveu empreendimentos bem sucedidos como a colônia de Blumenau, organizada por Hermann Blumenau e Ferdinand Hackradt, e a Colônia Dona Francisca, atual Joinville, sob a responsabilidade da Sociedade Hamburguesa (GREGORY, 2009, p. 13). Ainda, a formação dos grupos de imigrantes e os seus respectivos destinos dependiam de agentes instalados na Alemanha - que tinham a tarefa de convencer, organizar e encaminhar futuros imigrantes - e de receptores brasileiros, que os distribuíam no novo país, considerando habilidades, interesses (geo) políticos e econômicos dos agenciadores, ou outros envolvidos no processo.

A fim de firmar em papel o acordado entre agenciador e futuro imigrante, foram criados os contratos de parceria: segundo Gerstäcker escreve no prólogo do conto, trata-se de um acordo, por meio do qual os trabalhadores se comprometem a trabalhar para seus futuros patrões, após a travessia gratuita para o Brasil, até pagar as despesas contraídas com os gastos da viagem. Em troca, o colono não recebia salário, mas sim parte nos lucros, sendo que a outra parte cabe ao patrão para pagar a dívida contraída pelo colono (GERSTÄCKER, 1869, p. 2). Segundo Mendes, os “contratos de parceria com imigrantes europeus constituíram o principal mecanismo utilizado para atrair lavradores estrangeiros em maior escala destinados às plantações de café” (MENDES, 2009, p. 3). No entanto, a falta de fiscalização e toda a liberdade dada pelo governo, devido a ausência do Estado e políticas que regulassem as agências, abriram margem para que falsos contratos fossem assinados - como foi no caso da família do referido conto; a propaganda, um tanto imagética, e o desconhecimento do imigrante

sobre a geografia e a situação do país de destino foram uma das armas utilizadas para atrair tais contratantes, fazendo-os crer numa realidade inexistente.

2.1: Contratos de parceria: breve análise

Os contratos de parceria entraram em cena no Brasil após 1850, quando o tráfico de escravos foi proibido por lei, forçando fazendeiros, e quem mais necessitasse de mão-de-obra, a buscar novas formas de atrair trabalhadores, porém mantendo o custo desse vínculo empregatício baixo, para que os lucros permanecessem elevados; esse novo fator redirecionou a segunda onda de imigrantes que chegaram ao Brasil: ao invés de o governo imperial, ou das províncias, doarem a terra para o imigrante (a Lei de Terras também entrou em vigor nessa mesma época), agora foram fundadas casas de imigração na Europa, onde os imigrantes se dirigiam para fechar negócio com os homens encarregados de acertar todos os detalhes, além de garantir a assinatura do contrato de parceria. Com isso, os colonos – e todos aqueles que viessem juntos - não iriam formar pequenos núcleos coloniais, mas sim trabalhar na fazenda cujo dono havia pagado pelas despesas envolvidas desde a saída da Europa até sua chegada ao Novo Mundo.

Para uma construção da história do trabalho no Brasil, os contratos representaram um importante passo para o fim da escravidão, mesmo que essa ainda estivesse a muitos anos de acontecer. Também, o ideal abolicionista não contava com tantos adeptos; os fazendeiros queriam apenas solucionar a carência de trabalhadores, e viram no imigrante a solução desse empasse.

Os primeiros contratos foram assinados na região onde se expandia cada vez mais o cultivo do grão de café, como São Paulo e Minas Gerais. Junto com o crescimento das plantações desse produto agrícola, aumentou também a demanda por mãos que fizessem o cultivo do café, mas para isso era preciso outros meio que suprissem os escravos que logo se tornariam em pequeno número para compra, a um elevado valor; com isso, formou-se o seguinte panorama, conforme os interesses das partes: de um lado, fazendeiros carentes de braços para as lavouras, impossibilitados – legalmente – de traficar escravos, e de outro, trabalhadores dispostos a deixar a Europa

para construir uma nova vida, visto a realidade dura que o presente lhe apresentava, porém em um lugar distante de suas origens, mas que ali possuiria seu pedaço de terra.

Fazendo uma analogia com outras fases da economia brasileira, estabelecendo uma relação quanto a forma de obter mão-de-obra, pois essa carência já havia sido vista em outros momentos da economia, como na época da produção açucareira, pois “para se produzir café, como no passado se produzira açúcar, apelava-se para a imigração europeia, como dantes se recorria ao tráfico africano” (SANTOS, 2008, p. 28).

Contudo, os contratos de parceria eram fraudulentos, pois favoreciam apenas uma das partes interessadas: os latifundiários. As famílias que emigravam da Europa para o Brasil tiveram os custos da viagem financiados pelos fazendeiros, além disso, receberam um adiantamento suficiente para sustentarem-se quando aqui chegaram, até que eles pudessem colher alimentos nos lotes de terra que lhes cabiam no território da fazenda. Com isso, contraíram pesadas dívidas com o fazendeiro, pois o trabalhador imigrado deveria reembolsar o fazendeiro por todas as despesas, e sobre a quantia não saldada incidiam altas taxas de juros. Ora, o trabalhador imigrante recém-chegado não teve outra escolha senão aceitar, mesmo que contra a vontade própria, o sistema adotado pelos latifundiários, pois o contrato já havia sido assinado. Transformaram-se, assim, em prisioneiros das suas dívidas, sendo obrigados a trabalhar como “parceiros” do latifundiário.

Nessa situação, o contratante se via em péssimas condições, de vida e trabalho;

Sob esse sistema levariam vários anos para liquidar as dívidas contraídas junto aos fazendeiros. O imigrante era obrigado a comprar sua própria liberdade (...) a renda monetária do trabalhador dependia da produtividade dos pés de café sob seus cuidados e dos preços do café no mercado. Uma queda violenta ou baixa no mercado mundial de café não significavam apenas lucros menores ou uma perda de investimentos, como no caso dos latifundiários, mas era uma ameaça ao seu meio de vida (SANTOS, 2008, p. 34)

Considerando essas condições, o colono seguiria aumentando sua dívida mais e mais, fato este que o tornava preso ao fazendeiro, sem chance de construir o que antes havia sido idealizado. Por ser percebido nessas condições, o sistema de parceria pode ser classificado como uma escravidão disfarçada, porém não menos branda. O escravo era propriedade do fazendeiro, assim como o imigrante, porém este só o era até que o alto saldo devedor fosse pago, por isso, os imigrantes trabalhavam mais a fim de quitar

a dívida e alçar a liberdade. Ainda, ao escravo também era dada a possibilidade, caso alcançasse o valor, de adquirir a alforria. As realidades eram muito próximas, tendo apenas o fator “cor” para distingui-las.

Conforme Lamounier (1986, p. 21), o responsável por inaugurar essa política de contratos foi o senador paulista Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, atraindo mão-de-obra europeia para suas fazendas de café no interior de São Paulo, junto da agência Vergueiro & Cia (composta por ele e dois filhos) já a partir de 1840; o político fundou, na fazenda Ibicaba, interior de Limeira em São Paulo, a colônia Senador Vergueiro. Foi nessa fazenda que, anos mais tarde ocorreu a revolta de Ibicaba, onde trabalhadores trazidos da Europa pela Vergueiro & Cia se revoltaram contra as péssimas condições em que viviam, e o fato de nunca alcançarem o fim da dívida, reivindicando sua liberdade, além de trazer à tona as fraudes que haviam por trás dos contratos.

2.2. Teófilo Otoni e o Mucuri

Outras regiões, além de Santa Catarina, foram desenvolvidas com o trabalho e a colonização de imigrantes contratados pelas companhias privadas; um exemplo, pertinente à esse trabalho e ao conto que serve como objeto de estudo, é a região nordeste de Minas Gerais, conhecida como Vale do Mucuri. Idealizada pelo senador mineiro Teófilo Benedito Ottoni, a Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri foi fundada em 1847, contando com apoio de capital do Império e do governo Provincial (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1992, p. 33). A primeira leva de imigrantes (composta por suíços, alemães, espanhóis) chegou em 1856, após o acordo firmado entre Teófilo Otoni e a Firma Schlobach e Morgenstern, de Leipzig (GAZZINELLI, 2012, p. 72).

Os colonos do Mucuri tiveram, num primeiro momento, o seu sonho desfeito: nem todas as terras estavam demarcadas e muitos deles, além de cultivar o sonhado pedaço de terra, tiveram ainda que trabalhar na construção da estrada Santa Clara-Filadélfia¹⁶ para pagar suas dívidas; a situação era precária devido à falta de assistência, à distância, fazendo com que os novos colonos sofressem com as epidemias, ao clima, à falta de abastecimento e o despreparo do local para abrigar esse novo empreendimento.

¹⁶ Essa estrada serviu para escoar a produção de Filadélfia, pois Santa Clara era uma região portuária.

Ao chegarem, os imigrantes trazidos por iniciativa da Companhia foram instalados em duas áreas: a urbana, em que se concentravam vários tipos de especialistas, como engenheiros, marceneiros, ferreiros, carpinteiros, oleiros, professores, enfermeiros, agrimensores, comerciantes, entre outros. No meio rural foram alocados, principalmente, os agricultores.

No entanto, o sonho de Ottoni começa a ruir no início de 1860, quando sucessivos sobressaltos acompanhados por tragédias naturais, acabam levando ao fim da companhia. O aumento do número de novos colonos não foi acompanhado por melhoras na assistência, pelo contrário, o aumento da demanda agravou a já difícil situação; somado a isso, épocas de enchentes sucedidas por grandes epidemias foram sendo adicionadas nesse contexto. Segundo estudos realizados por Weder Ferreira da Silva (2009, p. 53), as péssimas condições contribuíram para a disseminação da febre tifoide, ocasionando a morte de muitos colonos.

É neste triste cenário que o viajante e médico alemão, Robert Ave-Lallemant, encontra os colonos durante sua visita ao Vale do Mucuri; em sua obra, *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe*¹⁷, Ave-Lallemant dedica três capítulos para descrever as cenas percebidas nas colônias, durante suas visitas. O médico lamenta a situação do local, a carência com que se deparam os habitantes da colônia, as fragilidades das estruturas oferecidas deixam o médico muito indignado; mas o maior prejuízo cairia sobre a Companhia do Mucuri seria bem pior, pois o médico fez-se ouvir ao delatar tais episódios ao governo imperial, e mais tarde, em alguns países na Europa, denunciando casos de fraudes por trás dos contratos de parceria que envolvia agenciadores e fazendeiros no Brasil. O fim da Companhia estava próximo; Gazzinelli atesta esse fato ao afirmar que

Mediante o relatório de Ave-Lallemant, a companhia dirigida por Teófilo Benedito Ottoni passa a ser combatida, as solicitações de financiamentos não foram atendidas pelo governo e o seu fundador não teve alternativa a não ser transferir para o governo da província, como pagamento das suas ações, parte das terras do Mucuri (GAZZINELLI, 2012, p. 77)

¹⁷ LALLEMANT, Robert Ave. *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe* (1859).

Mesmo com o Brasil precisando de braços livres, o sistema de parceria não conseguiu acabar com a mentalidade escravista ainda vigente; não foram poucas as denúncias de abusos por parte dos produtores rurais com relação aos contratos assinados com imigrantes, e a forma como esses futuros colonos foram tratados nas fazendas. Esse triste fato obrigou alguns países europeus a restringir o envio de colonos para o Brasil. Como no caso da promulgação do Decreto de Heydt, pela Prússia, em 1859, proibindo a vinda de imigrantes para o Brasil, devido aos maus tratos sofridos por essa população que assinava contratos falsos (HÜBER, 2008, p. 3); porém, ainda conforme a autora, o sucesso obtido com os empreendimentos no sul do Brasil fez a lei ser revogada e a imigração retornar, concentrando um maior contingente de imigrantes nestes estados.

Desde o período inicial, a região sul do Brasil foi bem vista como local para instalar colônias, devido ao clima, ou mesmo por necessidade de ocupar os espaços de “vazio demográfico”; mas outras regiões do país também obtiveram êxito com as colônias, como no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia.

As intenções de trazer imigrantes foram variando ao longo dos anos, e das fases; Rebello Júnior (2011, p. 3) apresenta as expectativas com a vinda de colonos, posto que variassem conforme quem a desejasse: para o imperador, era mister a formação de um exército. Já a imperatriz D. Leopoldina desejava que os colonos trouxessem consigo o ar civilizador europeu a fim de moldar a recém-formada nação brasileira. Alguns intelectuais da época defendiam a colonização europeia como possibilidade de qualificação cultural, “física e moral”, além de ir preparando o caminho para a abolição. Num primeiro momento, como já foi colocado, a colonização era voltada para a ocupação das terras devolutas, quer no interior ou em região de fronteira, desenvolvendo a terra com a agricultura familiar. A escolha por “alemães” não tem nenhum significado direto com política de branqueamento na primeira fase em que os imigrantes chegam, muito menos na segunda fase, conforme Seyferth nos mostra

A escolha de imigrantes alemães para efetivar os primeiros projetos coloniais – criticada mais tarde por muitos nacionalistas preocupados com a etnicidade germânica dos descendentes – não teve qualquer relação com premissas raciais: eram europeus, havia um fluxo imigratório para os Estados Unidos e um número significativo de alemães circulava na corte brasileira (SEYFERTH, 2002, p. 119).

O autor Valdir Gregory (2009, p. 10) também demonstra que os registros deixam claro quanto a presença de imigrantes no Brasil desde a conquista pelos portugueses, afirmando que na esquadra de Pedro Álvares Cabral já havia dois “alemães”: um cozinheiro e um náutico. Mesmo que num primeiro momento não houvesse intenções diretas, no final do século XIX e com o fim da escravidão, e a subsequente inserção da grande quantidade de negros no convívio social, fez-se necessário mudar alguns interesses, dando início a uma política de branqueamento da população, com a vinda de imigrantes de várias outros países. No fim do século XIX e início do XX, a principal onda imigratória que virá ao Brasil será composta em sua grande maioria por italianos, que também formarão colônias importantes no sul do país, mas também em outros grandes centros como São Paulo.

Portanto, embora a necessidade encorajasse muitas pessoas a saírem de suas terras em busca de uma condição melhor, não foram poucos os casos em que tais imigrantes permitiram-se enganar por agentes inescrupulosos. Ao deparar-se com a realidade, o sonho dos imigrantes havia se tornado pesadelo, e não havia a quem pedir auxílio. No caso do Mucuri, os imigrantes foram deslocados devido a visita de Avê-Lallemant, mas em outros casos, aqui cito o da fazenda Ibicaba, os imigrantes precisaram fazer-se ouvir por quem pudesse lhes ajudar. Porém, apesar de todos esses solavancos, os contratos de parceria constituíram importante característica na formação do mercado de trabalho brasileiro.

Capítulo 3. Viajantes, literatura de viagem e o autor em questão:

Friedrich Gerstäcker

A mudança da corte portuguesa para o Brasil em 1808 e a subsequente política de abertura dos portos às nações amigas, no mesmo ano, proporcionaram mudanças significativas para a história das explorações científicas e permitiu a invasão de estrangeiros no Brasil, até então impossibilitada. O cenário na colônia, anterior a este episódio, encontrava-se limitado devido as políticas comerciais do império português, entre eles o pacto colonial. Portugal visava resguardar seu território da ambição de outras nações europeias emergentes, além de manter o monopólio comercial sob suas colônias.

A entrada de estrangeiros no Brasil era dificultosa, pois iria contra os interesses colonialistas do império português; este fato tornou o Brasil um local desconhecido pelas outros países da Europa. No entanto, a coroa portuguesa enviava ao Brasil pesquisadores portugueses que seriam responsáveis por explorar o território colonial; esses estudiosos buscavam explorar a riqueza contida na fauna e na flora, e conforme seguiam as pesquisas, eles enviavam amostras para Portugal, a fim de animarem a curiosidade da população em conhecer o território brasileiro. Portanto, “o que se sabia da colônia brasileira vinha de estudos realizados por especialistas formados em Portugal, ou funcionários da coroa que aqui residissem, ou colonos portugueses, entre outros” (MOREIRA, 2009, p. 10).

Portanto, após os eventos de 1808, um grande contingente de estrangeiros passa a frequentar os portos brasileiros, especialmente o do Rio de Janeiro que serviu como porta de entrada para grande parte dos viajantes estrangeiros, que tiveram sua curiosidade aguçada durante anos, mas que já poderiam pisar em solo brasileiro.

3.1: A literatura de viagem

A finalidade com que o homem viaja variou muito ao longo dos anos: sejam por fins práticos, em favor de burocracias do Estado, ou em busca de novas rotas comerciais, ou mesmo novas conquistas, como na época das grandes navegações, ocorrida principalmente nos séculos XV e XVI. Mas, segundo Romano (ROMANO,

2013, p. 40), “será a partir do século XVI, com as mudanças no cenário econômico e o desenvolvimento do capitalismo mercantil, que as viagens de cunho pessoal passam a ganhar força”. O autor ainda apresenta uma classificação para os variados tipos de viagens, como a peregrinação, as viagens de comércio, as de expansão e as eruditas, de formação ou serviço; na última “categoria”, ele afirma

O viajante que visa ampliar sua formação ou viaja como diplomata, estudioso ou em missão tem como exemplo o Grand Tour, realizado por jovens aristocratas ingleses desde fins do século XVII pela Europa Continental e que culminava na Itália, naquelas viagens feitas por literatos e livres pensadores como Montaigne e Goethe, ou na Missão de artistas franceses que vieram ao Brasil no início do século XIX (ROMANO, 2013, p. 40).

Os viajantes sofriam influência tanto da teoria evolucionista, tendo por isso uma observação objetiva da natureza atentando para sua evolução, quanto do romantismo, que “moldava o olhar do viajante para a subjetividade contida na natureza” (LUIZ, 2008, p. 3), pois ambos os temas foram correntes durante o século XIX, essas visões moldaram o olhar do viajante diante do novo; tais fatores ficam evidentes nas narrativas desses viajantes, conhecidas como literatura de viagem. Tal produção é rica em detalhes, pois apresenta outro cenário, outra realidade vista através de olhos apreensivos e curiosos. Por isso, tais obras merecem um espaço de destaque no presente trabalho.

Na grande maioria dos casos, os viajantes não haviam construído qualquer ligação com o destino da viagem, ou com a população local, apesar de que havia muitas expectativas e ansiedades diante de cada nova viagem. Os viajantes que chegaram no Brasil, por exemplo, eram participantes e representantes de diferentes sistemas culturais e por isso não se identificavam com as orientações locais, nem com os hábitos do grupo com que entravam em contato, como a religião católica, a escravidão. A primeira reação gera espanto, perante tantas informações, mas por se tratar de uma estadia – rápida ou mais demora, não se tratava de mudança - o viajante não apresentava intenção de incorporar as tradições e a cultura do povo visitado, fato este que os fazia conservar certa autonomia perante o espaço visitado, e sua população.

Por outro lado, é justamente essa ausência de ligação com os costumes locais, e a possibilidade de comparação que torna a narrativa dos viajantes tão fascinantes:

mergulhar no desconhecido não era uma prática acessível a todos, além disso, o ato de viajar requeria muita coragem se visto a qualidade dos meios de transporte da época, por isso, quem não tinha condições financeiras, ou mesmo bravura, embarcava através dos livros de viajantes nessa mesma aventura. Era uma forma mais simples de explorar outros lugares, e a partir da obra, novos horizontes se abriam para o leitor.

O convívio com o “outro”, segundo Moreira (2009, p. 4) “desperta o interesse de qualquer sujeito sociocultural (...) o viajante se torna, então, explorador do exótico”. Esse distanciamento, e até certo estranhamento da realidade tornava o olhar dos viajantes mais atento aos detalhes, sendo que para os viventes do local estes eram menos passíveis de abordagem direta, ou motivo de questionamentos, visto que muitos aspectos tratados na escrita das viagens eram comuns à vida dos viventes; no Brasil, por exemplo, a escravidão era uma prática costumeira entre fazendeiros, comerciantes ou quem mais precisasse de mão-de-obra, mas que para alguns viajantes poderia gerar estranhamento.

Todavia, faltava ao viajante a experiência, muitas vezes conquistada pelo convívio e a necessidade de se moldar ao lugar, para poder compreender ou aceitar determinadas condições do dia-a-dia da população. Além disso, existe o espaço para a curiosidade, pois na maioria dos casos, os viajantes voltavam aos seus locais de origem e publicavam os diários de viagem, romances ou contos, onde faziam uso dos detalhes colhidos durante a jornada, mencionando paisagens, tipos e tudo o mais sobre as novas descobertas, que serviriam para o contexto da publicação. Muitas pessoas viam o mundo por meio dos olhos do viajante, ao ler as produções literárias resultantes das viagens.

As obras que se originaram no pós-viagem podem ser encaixadas num gênero próprio; Ana Paula Seco define literatura de viagem como

Todos os relatos que deram à Europa uma visão do “Novo Mundo” através de uma experiência própria, informações estas proporcionadas por um deslocamento físico e por um tempo determinado, ou seja, pela viagem (...). Os livros de viagens são vistos, portanto, como um gênero próprio, produtor de representações sociais, condicionadas a um tipo de experiência específica, a viagem, e não como sendo exclusivamente um documento histórico, literário, ficcional ou científico, mas muitas vezes reunindo todos estes estilos ao mesmo tempo (SECO, 2008, p. 4)

Portanto, como afirma a autora, os relatos de viagem – e toda a produção resultante dessa experiência, como romances, poesias, contos – abarcam categorias do campo literário, através da linguagem poética e a visão lírica do autor empregada no texto, por exemplo, e ao mesmo tempo alcança o patamar de documento histórico, visto a riqueza de detalhes contida na descrição dos contextos frequentados pelo viajante e que também são abordados na obra, ou na caracterização do “outro” dentro do panorama social. Tais referências possibilitam uma abordagem da história social por meio de um viés diferenciado, que foge aos documentos oficiais, recorrentes no estudo das outras áreas. Os relatos permitem a reconstrução do cotidiano, entre inúmeras outras abordagens, devido a quantidade, e qualidade, dos detalhes que essas narrativas trazem.

Tendo em vista a temática do trabalho, e atentando sobre a presença de viajantes alemães no Brasil, Hüber destaca alguns nomes como Johann Anton Böhm, Johann Karl August von Oeynhausen-Grevenburg e mais tarde Wilhelm Ludwig Freiherr von Eschwege, que viajam entre o século XIX e XX, quando há uma melhora nos meios de transporte, facilitando as viagens e aumentando os livros com descrições sobre o país. Valburga, no mesmo texto acima referido, apresenta de modo geral como esses viajantes entendiam os tipos brasileiros, relatando ainda a visão negativa que eles tinham dessa formação social diversificada

O habitante do Brasil, por sua vez, aparece do ponto de vista do homem de cultura alemã, plasmado essencialmente em três diferentes tipos: o índio, o estrangeiro e o brasileiro. Neste caso, o índio apresenta-se ora como estereótipo do ser primordial, elemento integrante da paisagem edênica, com todas as suas delícias, ora puro e inocente, ora agressivo e exótico. As personagens brasileiras, em grande parte, aparecem de forma negativa nas obras analisadas, inseridas num grupo que impede sua evolução ou organização sistemáticas (HUBER, 2009, p. 3).

Apesar disso, os livros de viagem, e outras publicações de cunho subjetivo, como as cartas e relatos de emigrantes que já haviam vivido ou viviam no Brasil também assumem papel relevante no processo emigratório por suas recomendações e advertências, além do forte caráter propagandístico que tais produções apresentavam. Tais publicações exerciam maior impacto sobre futuros emigrantes, pois se tratavam de descrições realizadas por algum conhecido ou familiar, fato esse que agregava um maior

grau de veracidade ao texto. Os viajantes permaneciam por algum tempo e logo voltavam ao seu local de origem, tendo pouco convívio com a realidade local; mas quem emigrava possuía maior propriedade para discorrer sobre o cotidiano, as pessoas, as angústias, e como estava sendo a vida no novo país.

Com a intensificação do processo imigratório para o Brasil, alguns viajantes passam a se interessar por este fenômeno, e também fazem essa mesma viagem com a intenção de conhecer, e assim poder descrever esse ato, ou escrever alguma literatura que abarque essa temática. O autor, conforme Neumann, “busca informar o leitor sobre a emigração para o Brasil, por um lado, ou então assume claramente uma posição propagandística a favor ou contra a emigração de alemães para o País” (NEUMANN, 2005, p. 41). Por causa dessa possibilidade, de alertar ou confirmar o movimento de imigração, alguns autores – como o que será aqui estudado – fizeram uso dessa possibilidade, usando a literatura como forma de expressar qual a realidade do imigrante.

No contexto de um Brasil do século XIX, e tendo em vista a temática da imigração, chega ao Brasil um viajante de longa carreira, mas que até hoje é esquecido ou pouco mencionado: Friedrich Gerstäcker; suas obras, em especial as que apresentam o Brasil como cenário, revelam um panorama da sociedade da época, particularmente as regiões com formação de colônias alemãs. Seu desconhecimento aqui no Brasil é explicado pelo fato de que suas obras (três delas são ambientalizadas aqui no país) não estão traduzidas para o português. No entanto, as obras se encontram digitalizadas e disponíveis no site do Projeto Gutenberg, porém em alemão.

3.2: O autor

Friedrich Wilhelm Christian Gerstäcker nasceu em 10 de maio de 1816, em Hamburgo; filho de artistas, Gerstäcker acostumou-se desde cedo às viagens, devido a rotina de apresentações de seus pais. Apreciava os livros, de onde surgiu o desejo de conhecer novos lugares, ao ler autores como Cooper, Defoe ou Sealsfield; ele emigra em 1837, aos 21 anos, para os Estados Unidos, onde cruza o país de sul a norte, trabalhando nas mais variadas profissões, como cozinheiro, marinheiro, ourives, entre outros, sendo esta tanto uma maneira de se sustentar como também entrar em contato

com a cultura e os modos de vida da população estadunidense. Ele retorna á Alemanha em 1843, dando início aos trabalhos como escritor, publicando dois romances, sendo estes os mais famosos, entre todos os que ele lançou como autor: *Die Regulatoren in Arkansas* (Os reguladores no Arkansas) em 1846 e *Die Flusspiraten des Mississippi* (Os Piratas do Mississippi) este em 1848. Suas obras apresentam uma receptividade positiva perante o público leitor, sendo logo em seguida traduzida para o inglês, francês, russo, e outros, visto que a temática abordada era toda voltada para os emigrantes, pois se tratava de uma questão em voga nesse período. Nessa primeira viagem, Gerstäcker não tem um encontro direto com áreas de colonização, mas isso não o impede de escrever sob essa inspiração.

Em 1848 Gerstäcker envolve-se nas agitações políticas promovidas pela Revolução de 1848, revelando seu lado político, contudo sua participação é efêmera, pois para a sua produção literária Gerstäcker necessita de mais viagens, visto serem estas as fontes para as suas obras. Assim, o autor dá início a sua segunda viagem, entre 1849 e 1852, pela América do Sul, Califórnia, Havaí e Taiti; agora, ele possui duas tarefas, em especial, a serem desempenhadas: ele escreverá relatórios de viagem para uma livraria na Alemanha, mas principalmente, trabalhará como enviado do governo para tratar dos interesses pertinentes a saída de emigrantes da Alemanha para as Américas, atentando cada vez mais para essa temática, e os problemas que envolvem essa questão. Dessa viagem não foi publicada nenhuma obra, contudo o olhar de Gerstäcker para os pontos que envolvam a imigração ou colônias alemãs já estará pronto para quando ele vir ao Brasil, anos depois.

Sua terceira viagem ocorrerá em 1860, e dessa vez o interesse por questões que envolvam a emigração será ainda maior: Gerstäcker pretende visitar as colônias alemãs já existentes na América do Sul (no Brasil, ele visita a região sul e sudeste) e fazer levantamentos sobre possibilidades de intensificar a emigração para lá. Durante a viagem, conforme Neumann relata (2012, p. 111), ele tem a possibilidade de discutir sobre o futuro da emigração alemã com personalidades dos países da América do Sul. Ainda no mesmo texto, o pesquisador relata o encontro entre o viajante e Dom Pedro II, reunião essa cujo tema girou em torno das práticas e processos para a vinda de imigrantes ao Brasil

Numa dessas possibilidades oferecidas a Gerstäcker, já no final de sua viagem, ele se oferece como intermediador entre o governo brasileiro, junto ao imperador Dom Pedro II, e as organizações promovedoras da emigração. Dessa forma, é-lhe concedido espaço para fazer uma palestra aos interessados em promover a vinda de alemães ao Brasil. A palestra é proferida em alemão no Salão da Real Academia Militar no dia 21 de setembro de 1861. Esta é publicada ainda no mesmo ano pela Editora de Lorenz Winter (NEUMANN, 2012, p 111)

Ao retornar em 1861, Gerstäcker publica seu diário de viagem “*Achtzehn Monate in Südamerika*” (Dezoito meses na América do Sul), com importantes anotações sobre o decorrer de sua viagem, como os locais visitados e as experiências obtidas nessa expedição. Após dois anos, Gerstäcker publica o romance “*Die Colonie: Brasilianisches Lebensbild*” (A colônia: cenas da vida brasileira)¹⁸, pela Editora Costenoble. O autor ainda publicou importantes artigos em jornais e revistas alemãs, como a *Gartenlaube*, sobre o contexto brasileiro, as colônias, e a imigração em geral. Ainda como resultado da terceira viagem, Gerstäcker publica em 1869 o conto “*Ein Parcerie-Vertrag. Erzählung zur Warnung und Belehrung für Auswanderer und ihre Freunde*” (Um contrato de parceria: conto para a advertência e instrução de emigrantes e sua companhia),

Ele ainda fez outras duas viagens alguns anos depois: uma ao Egito em 1862 e em 1868 viajou pelos Estados Unidos, México, Venezuela, Equador além de parte da Ásia. Friedrich Gerstäcker faleceu em maio de 1872. A ele foi dedicado um museu na Alemanha, o Gerstäcker Museum Braunschweig¹⁹. Também, Gerstäcker escreveu uma autobiografia, intitulada “*Kleine Erzählungen und Nachgelassene Schriften*” (Pequenas histórias e escritos póstumos), publicada em 1879 pela Constenoble.

As obras, em especial que apresentam aspectos da colonização no Brasil, revelam a preocupação que o autor tinha quanto a vida dessas pessoas que se aventuravam ao longo do oceano atlântico e vinham se instalar em outro país: como seria essa nova realidade, quais leis protegiam o imigrante, se havia política que regulasse desde sua vinda até o assentamento em local adequado, entre outras tantas. Tais questionamentos são perceptíveis ao longo das narrativas, tanto do romance, o conto ou o diário de viagem. Ele apresenta-se favorável a vinda de imigrantes, pois a

¹⁸ Essa publicação ganhará destaque no próximo capítulo deste trabalho, onde serão analisadas as obras do autor.

¹⁹ Site do museu: <http://www.gerstaecker-museum.de/>

situação de pobreza e miséria na Europa era lamentável, sendo que no Brasil havia a necessidade de gente para ocupar terras, empregar sua mão-de-obra seja como artesão, agricultor; mas era preciso que esse imigrante fosse bem instalado e seus direitos garantidos. Entretanto, a partir do momento que o colono saia de seu país, e viajava à outras terras, ele se encontrava totalmente desprotegido.

Essas preocupações são tratadas pelo autor no prólogo do conto “*Ein Parcerie-Vertrag. Erzählung zur Warnung und Belehrung für Auswanderer und ihre Freunde*”, que por sua vez será analisado no seguinte capítulo, junto com o romance.

As literaturas de viagem compõem um acervo rico devido às descrições das paisagens, do ambiente visitado e dos tipos que o formam. A partir disso, outros indivíduos tiveram a chance de explorar novos lugares, apenas lendo os livros. Gerstäcker está inserido nessa gama de autores, pois suas obras recorrem a temas importantes para a época, no caso a imigração, a formação de colônias e os contratos de parceria. Tendo em vista sua produção literária, é possível a reconstrução do panorama social brasileiro, conforme o período por ele tratado.

Capítulo 4. A temática dos contratos de parceria na obra de Friedrich Gerstäcker

Os contratos de parceria foram um dos meios intermediários entre trabalho escravo e assalariado no Brasil, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, com a publicação da lei Eusébio de Queirós, que colocava fim ao tráfico de escravos. Sua relevância é tida como o início da “formação e consolidação do trabalho livre no Brasil” (FALEIROS e SOUZA, 2012, p 01). Esse tipo de acordo entrou em cena no período de expansão do café, carro chefe da economia brasileira até os primeiros anos do século XX, por isso as regiões que mais empregaram os contratos para trazer mão-de-obra estrangeira foram as que estavam diretamente ligadas com a produção cafeeira, com destaque para o interior de São Paulo e Minas Gerais. Por ser este um tema relevante para a mudança na percepção da relação de trabalho patrão/escravo/contratado, e o fato do autor estudado nesse trabalho, Friedrich Gerstäcker, optar por dedicar algumas páginas do romance e logo depois um conto a essa temática, provam o destaque que os contratos, mas principalmente o não cumprimento destes, obteve no decorrer da sua vigência e até hoje inspiram pesquisas nessa área.

4.1: O que as obras falam a respeito?

Friedrich Gerstäcker abordou o infortúnio dos imigrantes, que após assinarem os contratos de parceria, vinham ao Brasil com uma expectativa, porém acabam caindo numa dura realidade, muitas vezes pior do que a vivida no antigo país. O tema é debatido em duas²⁰ das três produções ambientalizadas no Brasil: primeiro numa breve passagem do romance “*Die Colonie: Brasilianisches Lebensbild*” e mais tarde, o autor destaca uma obra para refletir sobre o assunto, sendo não apenas uma passagem, mas o tema do conto intitulado “*Ein Parcerie-Vertrag. Erzählung zur Warnung und Belehrung für Auswanderer und ihre Freunde*”.

²⁰ Não posso afirmar que sejam só nas duas, pois não tenho conhecimento sobre o enredo do seu diário de viagem.

4.1.1. Contexto do romance “*Die Colonie: Brasilianisches Lebensbild*”

Romance publicado após o retorno de Gerstäcker para a Alemanha, o livro trata das vivências de uma colônia alemã instalada no sul do Brasil; da convivência, dos contrastes percebidos por esses moradores perante os portugueses, além das divergências que existiam entre os próprios imigrantes, sendo alguns recém-chegados e outros que haviam sido esquecidos por ali. A literatura envolve toda uma trama entre os moradores da colônia, mas seu destaque cabe ao fator descritivo do ambiente, das personagens típicas, dos pontos que se opunham dentro do mesmo cenário, além de servir como um retrato do que seria uma área de colonização alemã no Brasil, conhecimento imprescindível aos que desejassem emigrar.

O livro “*Die Colonie: Brasilianisches Lebensbild*” narra a vida de uma colônia denominada Santa Clara, situada no interior do estado de Santa Catarina; nessa colônia, o diretor Sarno enfrenta problemas relacionados à imigração que são narrados por um viajante alemão, que chega juntamente com o novo agrimensor, este designado pelo governo central para a colônia: von Schwartzau. Könnern, o viajante, quer saber mais sobre as colônias no Brasil e reunir material de pintura para a sua obra. Atenta-se aqui para a semelhança existente entre a personagem e Gerstäcker, pois ambos tinham o mesmo ideal com a sua viagem, além do mais, “já é possível perceber que Könnern representa a figura do autor, Friedrich Gerstäcker” (GERSON, 2008, p. 15). O livro é composto por 508 páginas, dividido em três volumes; não é conhecido no Brasil, pois não há tradução. Contudo, encontra-se disponível e digitalizado, no site do Projeto Gutenberg.

A colônia é vista como destino para quem já fosse colono antes de emigrar, pois um dos maiores problemas do diretor Sarno é com a aristocracia decadente, que percebe na emigração uma chance de fugir à pobreza, mas que deseja manter seu padrão de vida no novo país, refutando a ideia de se tornarem colonos. Há espaço para a questão religiosa, visto que a maioria dos imigrantes era composta por luteranos, sendo que no Brasil ainda vigorava o catolicismo como religião oficial de Estado. Ainda, pode-se notar que o caráter “recluso”, de isolamento, que a colônia se encontrava – assim como em outras regiões com formação colonial – além de dificultar a integração ao novo solo, fomentava a ideia de um não pertencimento ao Brasil; apesar de estar morando aqui, declaravam-se alemães, mesmo que se tratando dos filhos e netos dos primeiros

imigrantes que chegaram. Enfim, como pode ser visto, o romance é recheado de temas conflitantes e merecem mais atenção por parte de pesquisadores das mais diversas linhas de pesquisa, se for levado em conta a gama de possíveis reflexões contida na obra.

Portanto, Gerstäcker explora de todos os lados o universo colonial: as questões que geram discórdia, os assentamentos, o choque cultural e as reações perante a diferença, mostrando de todos os ângulos as atribulações e conflitos gerados após a vinda ao Novo Mundo. Ainda, o autor deseja que sua interpretação do mundo visite o leitor, por meio do romance, servindo-lhe como ensinamento e/ou informativo, além de mostrar seu parecer sobre a imigração; para muitas pessoas que estão em difíceis condições, sociais e econômicas, veem nas obras (ficção ou não) um meio de se informar sobre o país, o ato de emigrar, e o principal, saber sobre seu destino de viagem.

Por abordar o tema emigração, a obra de Friedrich Gerstäcker obteve um vasto público na Alemanha.

4.1.2: “*Ein Parcerie-Vertrag. Erzählung zur Warnung und Belehrung für Auswanderer und ihre Freunde*”: enredo e contextualização

Diferentemente do romance, o conto inicia-se com um prólogo, onde Friedrich Gerstäcker esclarece alguns pontos da literatura que se segue, revelando seu propósito de instruir possíveis leitores emigrantes para que atentem tanto sobre detalhes do país, como economia ou geografia, quanto tomem cuidado com os acordos firmados com agenciadores, antes da partida rumo ao Brasil. O tema “contratos de parceria” é o ponto central dessa obra: ele torna-se relevante, pois se trata de uma chance para aqueles que desejavam sair do país, mas que não tinham condições de pagar pela viagem, porém assinando o acordo, poderiam embarcar junto de sua família, fazendo a travessia do Atlântico, em busca da chance para um novo começo no exterior. Assim que chegassem ao Brasil, os imigrantes trabalhariam para o latifundiário que pagou suas despesas, somente até que a soma dos valores fosse paga. No entanto, desde que os contratos passaram a não ser cumpridos corretamente por alguns fazendeiros - pois os patrões estenderam aos imigrantes os mesmos tratamentos dados aos escravos -, logo, os contratos passaram a serem mal vistos, devido às incertezas que ele poderia abrigar nas

entrelinhas, com isso o tema virou questão de críticas na Alemanha, sendo os imigrantes apelidados de “escravos brancos” (NEUMANN, 2005, p. 114).

O conto narra a turbulenta e triste história da família Behrens, que vem ao Brasil após assinar um contrato de parceria com um agente, mesmo sendo avisado - pelo seu ex-patrão e um médico - das irregularidades que cabiam em tais acordos. O destino almejado pela família seria Blumenau, onde um irmão de Behrens já morava, e de onde vinham boas notícias, além disso, a família considerava este o local ideal para eles recomeçarem a vida, num novo país. Contudo, a falta de conhecimento que eles tinham do Brasil contribuiu para que estes fossem enganados: eles viajam junto com outros tantos imigrantes, e quando chegam ao porto no Rio de Janeiro, são alocados numa casa de imigração, onde a família será “leiloadada” – assim como os escravos também o eram, logo depois de desembarcar – sendo levados para uma fazenda de café, do interior de Minas Gerais, de onde não saiam até quitar o saldo devedor com o fazendeiro, o senhor Almeida, fato este que não ocorreria, pois a dívida era grande e o fazendeiro faria de tudo para não perder seus braços na lavoura. Com isso, passam-se dez anos de muito trabalho e tentativas inúteis de sair dessa situação; nesse tempo, Behrens perde a esposa e o filho menor, devido a enfermidades e a falta de assistencialismo, além das péssimas condições de habitação e demais necessidades. Em determinado momento, a fazenda é visitada por um cônsul alemão, que cumprimenta os imigrantes pelo trabalho, ouve as queixas destes sobre a falta de pagamentos, a ausência de suprimentos básicos, e demais aflições dos trabalhadores, porém nada faz por seus compatriotas. Contudo, a sorte dos imigrantes muda quando, alguns anos depois, um médico alemão que se diz emissário do governo, passa pela fazenda e constata as reais condições que os trabalhadores alemães vivem; este também ouve as queixas dos imigrantes, mas, diferente do cônsul, ele aciona o governo da província e do império, a fim de conseguir transporte para tirar as pessoas enganadas daquele lugar. A família Behrens, ou o que restou dela, enfim chega a Blumenau, onde pode viver em paz, num final feliz, entre compatriotas.

Nesse conto - que assim como o romance, não tem tradução para o português, mas encontra-se disponível no site do Projeto Gutenberg – o autor “trabalha um dos maiores temores dos coordenadores da emigração alemã para o Brasil, assim como o temor dos próprios interessados em emigrar: os contratos de parceria” (GERSON, 2005, p. 49). Contudo, a obra chega com certo atraso no mercado, pois tanto Brasil quanto Alemanha já discutiam sobre os descumprimentos desses contratos, os maus tratos que

imigrantes sofriam no país, a ausência de assistência aos que aqui chegavam, além disso, a revolta de imigrantes na fazenda Ibicaba, interior de São Paulo, já havia ocorrido. No entanto, ainda assim a obra mantém seu caráter instrutivo e didático; o conto obteve grande receptividade entre leitores da época, pois o tema estava em voga e o autor soube como trabalha-lo.

4.2: Os contratos de parceria na obra de Friedrich Gerstäcker

Visto um breve enredo das obras de Friedrich Gerstäcker, atentando para as duas literaturas que tematizam sobre o Brasil, nessa última parte do capítulo será analisado o que o romance e o conto podem dizer ao leitor, sobre os contratos de parceria. Ainda, será tratada a visão que o autor tinha sobre o processo de imigração, fato esse latente na época em que ele viajava e escrevia seus livros. Percebendo o deslocamento dos indivíduos, Gerstäcker procurou compreender essa movimentação, e seus fatores, visto que, quando vem à América do Sul, especialmente no Brasil, o viajante já moldou seu olhar crítico e observador a fim de analisar fatos que estejam diretamente ligados a esse processo de imigração, o que também permite mostrar a força com que tal fato já se apresentava ao mundo. Isso também se prova pelas obras escritas, visto as duas tratarem dos processos de imigração alemã para o Brasil, e mesmo que numa pequena citação ou num conto, os contratos de parceria também aparecem em cena.

No romance, o autor traz à tona o tema contratos de parceria no último volume, onde apenas cria uma cena descrevendo a chegada de mais um navio em Santa Clara trazendo novos imigrantes para a colônia, mas que dentre essas famílias, havia uma cuja história era de engano e descuido, devido ao fato de assinarem o contrato e por causa da falta de conhecimento desse tipo de negócio fraudulento, terminaram por trabalhar sob condições desumanas numa fazenda, de onde foram libertados e encaminhados à outra colônia. O relato é narrado por um recém-chegado na colônia, onde ele apenas conta esse relato aos homens que estavam num bar, descrevendo como foram enganados antes da partida, as promessas não cumpridas pelos agenciadores, a confiança depositada nesse empreendimento e a situação na fazenda aqui no Brasil, encerrando o episódio por ali mesmo.

-Obrigado, respondeu o homem, “não é apenas doente, mas o tempo me tem derrubado um pouco. Viemos do Norte”.

-“Do Rio?”

-“Não. Um pouco mais para baixo, da província de Minas Gerais”.

-“E vocês estavam há muito tempo lá em cima?”

-“Dez anos”, disse o homem e um pesado suspiro levantou seu peito.

-“Você provavelmente é uma das pessoas parceiras (Parcerieleuten)?”.

-“Sim amigo, nós somos. Eu, minha esposa e três filhos, um já está morto, meu cunhado e sua família”.

-“E como foi lá em cima?”

-“Muito ruim”, respondeu o homem e novamente suspirou. “Todos suportaram. Eu realmente não entendo como.”

Ele parecia mais um esqueleto vivo do que um homem.

-“E eles maltrataram vocês lá?” Perguntou Rohland.

-“Maus tratos não só agora, como também tivemos que trabalhar mais do que os escravos porque foi tudo obra do acordo de trabalho, mas nem sempre podíamos conseguir assentamento e nosso Senhor, por vezes, nos fez alegações de que precisávamos trabalhar tanto e cada vez mais veio com dívidas. Sim nós tivemos que viver para Deus, no entanto, e continuar como a pouca comida ruim e as necessidades das roupas, pois nós não temos nada. Se eles apenas nos dessem o que prometeu o agente na Alemanha e nos dessem o que também assinamos, ou seja, de que devemos conseguir um pedaço de terra onde nós poderíamos cultivar – logo, teria sido bom (...) Mas aqui foi diferente (GERSTÄCKER, 1862, p. 245, 246)²¹

²¹ »Danke schön,« antwortete der Mann – »nein, krank gerade nicht, aber das Klima hat mich ein Bißchen heruntergebracht. Wir kommen aus dem Norden.«
»Aus dem Norden? Von Rio?«
»Nein, noch weiter herunter, aus der Provinz Minas Geraes.«
»Alle Teufel – und habt Ihr lange da oben gesteckt?«
»Zehn Jahre,« sagte der Mann, und ein schwerer Seufzer hob seine Brust.
»Da seid Ihr wohl Einer von den Parcerieleuten?« fragte Berthold vom andern Tische herüber – »kommt, setzt Euch mit zu uns herüber; was hockt Ihr da allein an einem Tisch?«
»Wenn's erlaubt ist,« sagte der Mann demüthig, und nahm sein Bier und Brod und ging hinüber; »ja, Landsmann, wir sind unserer Sieben, die jetzt aus dem Parcerievertrag zurückgekommen, meine Frau und ich und zwei Kinder – drei sind mir gestorben – und mein Schwager mit s e i n e r Familie.«
»Und ist's Euch schlecht da oben gegangen?«
»R e c h t schlecht,« erwiderte der Mann, noch einmal tief aufseufzend – »und wie wir's Alle ausgehalten, begreife ich eigentlich selber noch nicht. Wir waren aber freilich lauter kerngesunde Menschen, wenn ich auch jetzt ein Bißchen abgemagert aussehe.«
Abgemagert aussehe – Du lieber Gott, der Mann glich eher einem Skelett als einem lebendigen Menschen, und schien sich doch geduldig in sein Schicksal zu ergeben! Freilich waren auch durch die lange, schwere Zeit Geist und Körper bei ihm gebrochen.
»Und haben sie Euch schlecht behandelt dort?« fragte Rohrland.
»Ih nu, schlecht behandelt nun gerade nicht,« sagte der Deutsche, »aber arbeiten mußten wir noch viel mehr wie die Slaven, denn es war Alles Accord-Arbeit, nur konnten wir immer keine Abrechnung kriegen, und unser Herr machte uns manchmal Vorwürfe, daß wir so viel brauchten und immer mehr in Schulden kämen. Ja, lieber Gott, leben mußten wir doch, und weiter wie das Bißchen schlechtes Essen und die nothwendigsten Kleider bekamen wir so Nichts. Wenn sie uns nur gehalten hätten, was uns der Agent in Deutschland damals versprach und was wir auch unterschrieben haben, daß wir nämlich ein Stück Land sollten angewiesen bekommen, was wir uns selber hätten bebauen können – dann wär's gut gewesen.«

Contudo, para não deixar esse assunto tão sério sem a devida relevância, – para a época por se tratar de um período de grandes migrações – quanto aos enganos contidos em muitos contratos, e chamar a atenção de emigrantes para tomar a devida precaução, Friedrich Gerstäcker optou por dedicar um conto, onde relata o triste fim de quem não faz um exame minucioso daquilo que está acertando com o agenciador, a fim de evitar novos episódios nessa triste história. Nas palavras do autor, “Tentei, no conto que se segue, dar ao leitor um relato leal, ainda que doloroso, de uma família que, ao deixar-se enganar por um chamado contrato de parceria, deixou sua terra natal e buscou a felicidade em outro canto do mundo”²².

Além do enredo do conto – que é enfático, além de didático e claro ao transmitir a mensagem ao leitor –, o que mais merece destaque, sem dúvida, é o prólogo onde o autor dedica poucas páginas a fim de relatar alguns procedimentos que o futuro emigrante deverá adotar, antes de sair do seu local e embarcar numa viagem totalmente desconhecida. Muitas vezes, encantados por um lugar descrito por cartas falsas, “Na Alemanha, estas cartas eram frequentemente usadas por agentes inescrupulosos para ludibriar pessoas pobres e ignorantes, que não tinham meios para comprar passagens, e prometer-lhes levá-las para o Brasil”²³.

Num primeiro momento, Gerstäcker atenta que os contratos em sua maioria, eram assinados com agentes representantes de fazendeiros das regiões quentes do norte do Brasil, já colocando o fator clima como um primeiro ponto a ser considerado, “o país em questão é o Brasil, pois é justamente com os fazendeiros da região quente do norte

»Aber das mußten sie Euch ja doch geben, wenn's einmal ausgemacht war!« rief der Tischler.

Aber das musseen sie Euch ja doch geben, wenn's einmal ausgemacht war!« rief der Tischler.

»Ja, lieber Herr, sie gaben's auch,« lächelte der Mann verlegen, »aber nur freilich anders, wie wir's gemeint und verstanden hatten, und wie's uns auch der Agent erklärte – daß das e i g e n e s Land sein sollte. Aber hier war's anders.“. Tradução livre da autora.

²² “Ich habe versucht dem Leser in der nachstehenden Erzählung eine, wenn auch peinliche, doch treue Schilderung einer Familie zu geben, die sich verleiten ließ auf einen sogenannten Parcerie-Vertrag hin ihr Vaterland zu [IV]verlassen und ihr Glück in einem fernen Welttheil zu suchen”. Página 2

²³ “Diese Briefe wurden häufig von gewissenlosen Agenten benutzt um arme unwissende Menschen in Deutschland, die keine Mittel besaßen ihre Passage zu bezahlen, zu täuschen, denn man versprach ihnen ja sie nach Brasilien zu schaffen”. Página 2.

do país que tais contratos são feitos; quem emigra por iniciativa própria não deveria escolher como destino estes distritos tão nocivos à saúde dos europeus. “²⁴ .

Além de localizar geograficamente possíveis leitores, a fim de situar as regiões onde esses problemas tendiam a acontecer; porém, o agravante procedia do desconhecimento da geografia do Brasil, por parte dos imigrantes, “os infelizes, com seus escassos conhecimentos de Geografia, não tinham a menor ideia do enorme tamanho do país, nem da sua variedade de climas e de tipos de solo”²⁵. Os agentes poderiam afirmar - como no caso dos Behrens, que Minas Gerais e Blumenau são cidades próximas, e que estando em Minas, logo chegariam a Blumenau,

“Eu queria muito,” continuou Behrens, que ganhava ânimo, “ir para um lugar no Brasil tão próximo quanto possível de onde o meu irmão está.”

“Ah, você já tem um irmão lá? E onde ele está metido?”

“Na colônia de Blumenau.”

“Bom, então vá para lá,” disse o Sr. Kollboeker, laconicamente, “ninguém lhe impede. Sempre saem navios para lá.”

“E dá para trabalhar em troca da passagem também?” perguntou Behrens, ávido.

“Não,” disse o Sr. Kollboeker, com uma risada que fez retumbar o pequeno entreposto, “se você quer ir direto para lá, você mesmo tem de pagar a passagem. Mas sendo pessoas desamparadas...” exclamou ele, largando a carta sobre a escrivaninha, e se dirigiu para o pequeno mapa-múndi pendurado na parede. “Veja só aqui,” seguiu ele, e com um dedo apontou um lugar, onde Behrens não pode identificar nada além de linhas coloridas e completamente incompreensíveis para ele, “aqui está Blumenau, para onde você gostaria de ir, e onde é para estar o seu irmão, e aqui, logo acima, pouco mais de uma polegada de distância, começa a província de Minas Gerais para onde, segundo o seu contrato, você será transportado gratuitamente. Você quer mais que isso? E quando você tiver trabalhado até o fim do termo do contrato e tiver dinheiro no bolso, por acaso alguém lhe impede de andar esta pequena distância e se assentar onde você bem quiser? – É de causar puro desespero, quando as pessoas não querem perceber algo que está tão claramente visível.”²⁶

²⁴ “Das Land ist Brasilien, denn gerade mit den Pflanzern des heißen und nördlichen Theils von Brasilien sind solche Verträge abgeschlossen worden, weil sich die freiwillige Auswanderung nicht jenen, für den Europäer ungesunden Distrikten zuwandte. “. Página 2.

²⁵ “ (...) Und von der ungeheueren Größe des Landes, und den verschiedenen Klimaten und Bodenverhältnissen hatten die Unglücklichen, mit ihren mangelhaften geographischen Kenntnissen keine Ahnung” Página 2.

²⁶ »Ja«, sagte Behrens verlegen – »eins liegt mir doch noch auf dem Herzen, und ich wollte Sie dringend darum gebeten haben.« »Und das ist?« frug Herr Kollboeker, indem er den zweiten Brief hernahm und aufbrach. »Ich wollte doch gern,« fuhr Behrens der sich ein Herz faßte, fort, »so nah wie möglich dorthin nach Brasilien kommen, wo mein Bruder drüben ist.« »So? Ihr habt schon einen Bruder drüben? und wo steckt denn der?« »In der Colonie Blumenau.« »Na da geht doch hinüber,« meinte Herr Kollboeker kurz – »es hindert Euch Niemand daran. Dorthin gehn immer Schiffe.« »Wo man seine Passage auch abarbeiten kann?« frug Behrens rasch.»Ne,« lachte Herr Kollboeker, daß das kleine Comptoir dröhnte – »wenn Ihr direkt dahin wollt, müßt Ihr Eure Passage selber bezahlen. Aber seid Ihr unbehülfliches Volk,« rief er, indem er seinen Brief auf das Pult warf und sich gegen die an der Wand hängende kleine Weltkarte wandte. »Seht einmal hier,« fuhr er fort, und zeigte mit seinem Finger auf einen Platz auf dem Behrens gar Nichts erkennen konnte, als buntgemalte aber ihm vollkommen

O autor destaca ainda a falta de garantias, deixando o emigrante sem qualquer amparo, além do mais, ele estaria desprotegido legalmente, pois fora de seu país o imigrante dificilmente teria voz. Aqui, o cito

Mas em lugar algum lhe é dada uma garantia. A partir do momento em que o emigrante põe o pé em um país estrangeiro, principalmente se ele fechou contrato com agentes ingleses ou, pior ainda, belgas, a partir da hora em que atravessa a fronteira da terra natal, ficam entregues à mercê de estranhos, e pior: sem ajuda nem proteção²⁷

Gerstäcker salienta o fato de que muitos contratos que prometem participação na metade dos lucros são enganosos, pois o colono não terá acesso ao livro caixa, nem o patrão lhe dirá a verdade a fim de não perder o braço na lavoura

Todos os contratos que designam ao signatário metade ou parcela do lucro são, quase sem exceção, ludibriosos, e na melhor das hipóteses deixam o imigrante que não falar a língua estrangeira e a quem não for permitido ver os livros-caixa do patrão (os quais, no caso de ele não entender a língua, de nada lhe serviriam de qualquer forma) incondicionalmente subordinado ao seu patrão, e que ele esteja convencido do que digo se ele de fato não quiser ser enganado²⁸

Como um exemplo de contrato “perfeito”, Friedrich Gerstäcker apresenta duas determinações fundamentais para o bom andamento das negociações e a futura garantia de sucesso para o imigrante.

unverständliche Linien »hier ist Blumenau wohin I h r gern wollt, und wo Euer Bruder sein soll, und hier gleich darüber, kaum mehr wie ein Z o l l davon entfernt, fängt die Provinz Minas Geraes an, wohin Euer Contract lautet, nachdem Ihr unentgeltlich [S. 37]hinübergeschafft werdet. Verlangt Ihr n o c h mehr? und wenn Ihr dort Eueren Contract abgearbeitet und Geld in der Tasche habt, hindert Euch denn etwa wer, die kurze Strecke da hinunter zu gehen und Euch anzusiedeln wo Ihr Lust habt? – Es ist rein zum Verzweifeln wenn Menschen etwas nicht einsehen wollen, was s o sonnenklar auf der offenen Hand liegt.« Página 34.

²⁷ Aber nirgends ist ihm dafür eine Gewähr gegeben. Von dem Augenblick an wo er das fremde Land betritt, ja läßt er sich besonders mit englischen und vorzüglich b e l g i s c h e n Agenten ein, von der Stunde an wo er die heimische Grenze überschreitet, bleibt er der Willkür fremder Menschen preisgegeben, und zwar o h n e Hülfe, o h n e Schutz. Pagina 4.

²⁸ Alle solche Contracte dabei, die auf Hälfte des Gewinns oder auch auf einen Antheil lauten, sind fast o h n e Ausnahme betrügerischer Art, wenigstens ist der Auswanderer, der die fremde Sprache nicht versteht und dem keine Einsicht in die Bücher seines Herrn zusteht (die ihm unter solchen Umständen auch Nichts nützen würde) jedesmal demselben auf Gnade und Ungnade übergeben, und wenn er wirklich auch einmal n i c h t betrogen werden sollte, hält er sich doch sicher selber davon überzeugt. Página 5.

Ele pode aceitar apenas duas condições; sob elas, ele não corre nenhum risco imediato, ao menos, e ainda que ambas o obriguem a trabalhar, ele permanece trabalhando somente para si, ou volta a fazê-lo assim que quita seu empréstimo. Ambas as condições eu vi realizadas na Austrália, no Brasil e no Peru, e ambas davam ao emigrante bem-estar.²⁹

São elas: o pagamento de uma diária ao imigrante pelo seu trabalho, para que este tenha renda e consiga manter o sustento de seu lar

A primeira é que lhe seja determinada uma diária proporcional ao preço da terra para a qual ele se muda, e pela qual ele deve trabalhar até que tenha pago suas despesas de viagem, pelo tempo que for necessário - e nem uma hora a mais. Ele volta então a trabalhar para si; com o tempo já conheceu a terra e pode, então, fazer um novo contrato com o seu ex-patrão e adquirir um terreno para si. Muitos contratos assim são feitos na baía de Moreton, na Austrália, e em especial no sul do Brasil³⁰

A segunda condição refere-se a aquisição da terra por parte do imigrante, por um preço justo, ou mesmo perante doação já que o governo possuía tantas terras devolutas, e desejava que estas fossem desenvolvidas economicamente

A segunda é que ele pague pela terra que lhe é concedida em prestações, ao longo de vários anos, da maneira que suas colheitas permitirem, ou que a receba inteiramente gratuita do Estado, pois um governo (e não se deve negociar com pessoas físicas em nenhuma hipótese - é sempre, no mínimo, perigoso) só deixa imigrantes serem transportados para suas terras quando lhe é conveniente que estas sejam cultivadas. A pequena área de terra que lhe é dada de presente não tem, no início, valor para o governo - mas distritos valorizam-se assim que colonos esforçados se assentam nas proximidades, pois eles não só precisarão de mais terras e haverão de comprá-las do governo, como também atraem compatriotas e outros colonizadores para lá, e iniciam assim comércio e toda uma estrutura de transporte em distritos até então inabitados³¹

²⁹ Nur zwei Bedingungen kann man annehmen; er läuft wenigstens keine unmittelbare Gefahr dabei, und wenn ihn auch beide zur Arbeit zwingen, bleibt er doch dabei sein eigener Herr, oder wird es wieder sobald er die für ihn wirklich ausgelegten Kosten bezahlt hat. Beide Arten habe ich selber in Australien, in Brasilien und in Peru ausgeführt gesehen, und bei beiden befanden sich die Einwanderer wohl.

³⁰ Die eine ist, daß ihm ein bestimmter, den Preisen des Landes in das er zieht angemessener Tagelohn bestimmt wird, für den er so lange arbeiten muß, bis er seine Reisekosten bezahlt hat - und nicht eine Stunde länger. Dann ist er wieder sein eigener Herr, hat das Land in der Zeit kennen lernen, und kann nun seinen Contract mit dem bisherigen Brotherrn machen, um sich auch ein Stück Land als Eigenthum zu erwerben. Solche Contracte sind viele nach Moreton-Bai in Australien und besonders nach Süd-Brasilien abgeschlossen worden. Página 6.

³¹ Die andere daß er das ihm überwiesene Land, wohin man ihn bringt entweder nach Jahr und Tag, wie es [VIII]seine Erndten erlauben, langsam abbezahlt, oder es auch ganz vom Staat geschenkt bekommt, denn eine Regierung (und mit Privatleuten soll man sich unter keiner Bedingung einlassen; es ist wenigstens stets gefährlich) läßt ja doch nur dann Einwanderer passagefrei in ihr Land schaffen, wenn ihr daran gelegen ist dasselbe cultivirt zu bekommen. Das kleine Stück das sie ihm dann anfangs als Geschenk giebt, hat noch keinen Werth für sie - aber die Nachbardistrikte werden werthvoll sobald

E mesmo diante dessas condições, é preciso ter cautela. “Mesmo sob essas circunstâncias aparentemente favoráveis, no entanto, é necessário que o viajante tenha grande cuidado antes de tomar o passo tão importante de deixar sua pátria, junto com tudo que ele chama de seu”.³²

Contudo, a principal parte consiste na apresentação de determinações para ambas as partes, não só ao colono, sendo esta uma forma de prender ao contrato os dois lados negociantes. Além de buscar um aconselhamento com pessoas sábias e experientes.

Ele também não deve - pelo amor de Deus - decidir-se demasiado rápido a emigrar, e acima de tudo, jamais deve entregar a bagagem a um agente antes de ter a convicção absoluta sobre a decisão conselho a pessoas que entendem do assunto e que não tenham interesse próprio nisso, e ter um contrato que não traga deveres apenas para ele, como fazem essas parcerias que não valem nada, que nada declaram senão que o emigrante se vendeu ao agente e que de vontade e convicção próprias deu sua assinatura – mas sim um que também traga obrigações para o empregador, as quais assegurarão o pagamento pelo trabalho do emigrante. Ele não deve receber e nem mesmo querer nada gratuitamente; por tudo que ele receber, deverá prestar serviço em troca e assim como ambas as partes esperam obter vantagem do acordo, ambas também devem achar-se em equidade³³

A ansiedade por assinar os contratos e fugir da miséria era tamanha, que os emigrantes nem cogitavam aconselharem-se com alguém experiente ou mesmo mais instruído, que tivesse um mínimo de informação sobre os acontecimentos mundiais, para saber o que se passava no Brasil, ou detalhes da realidade, ou mesmo aspectos sobre o clima ou a geografia. “Além disso, ele deve se informar sobre as condições

sich fleißige Colonisten in der Nähe niederlassen, denn nicht sie allein brauchen später mehr Land und müssen es von der Regierung kaufen, sondern sie ziehen auch Landsleute und andere Ansiedler dorthin und eröffnen damit in bis dahin unbewohnten Distrikten Handel und Verkehr. Página 6.

³² Aber selbst unter den anscheinend günstigen Umständen bleibt für den Auswanderer große Vorsicht nöthig, ehe er einen so wichtigen Schritt thut und sein Vaterland, mit Allem was er eigen nennt, verläßt. Página 6.

³³ Er soll sich auch um Gottes Willen nicht zu rasch dazu entschließen und besonders n i e vorher einem Agenten sein Gepäck übergeben bis er nicht vollkommen mit sich im Reinen ist, Leute die etwas davon verstehn und kein eigenes Interesse dabei haben, zu Rath gezogen und einen Contract in Händen hat, der nicht allein i h n bindet, wie ein solcher Parcerie-Wisch, der weiter Nichts erklärt als daß sich der Auswanderer an den Agenten verkauft und zur Beglaubigung selber seinen Namen darunter gesetzt hat – nein, der auch dem für den er arbeiten soll, Pflichten auferlegt, welche ihm selber den Lohn seiner Arbeit sichern. Er bekommt und will ja Nichts geschenkt; für das was er erhält leistet er wieder, und wie beide Theile einen Nutzen dabei erhoffen, müssen sich auch Beide gleichberechtigt gegenüberstehn. Página 7.

geográficas e políticas do país para onde ele será transportado, diretamente com pessoas que realmente lhe podem prover informações a respeito”³⁴. Gerstäcker recomenda essa breve reflexão ao citar um exemplo de destino para os emigrantes: o Chile. Aparentemente, um local de temperaturas e clima agradáveis, onde os imigrantes teriam a chance de ter sua terra; mas aos que não tomavam conhecimento, não saberiam que naquele momento o Chile passava por sérios problemas com questões conflituosas de fronteira e com os indígenas. Os imigrantes seriam alocados nas regiões com tais problemas, conforme o que havia sido acordado, a fim de conter a ameaça nativa. Antes, o autor relata, com propriedade, a real situação que o país enfrentava e porquê queriam imigrantes.

O governo chileno – ao menos até o presente, um dos melhores e mais eficientes em toda a América do Sul – fez um contrato com uma empresa de navegação (...) a qual levaria para o Chile no primeiro ano cem famílias, no segundo duzentas, no terceiro trezentas e assim por diante até o quarto ano, e o governo pagaria pelos adultos (...). O governo tencionava dar boas terras para os colonizadores, sem exigir nada pelas despesas destas, desejando apenas que a terra fosse ocupada. O Chile tem um clima maravilhoso, milhares de nossos compatriotas alemães vivem felizes e em boas condições, e o governo é tido por todos como confiável. Eu mesmo recomendaria com prazer a meus compatriotas oportunidades tão vantajosas. Porém, são na verdade vantajosas demais - há um estratagema por trás. No contrato consta especificamente que o emigrante deverá ser levado a Arauco e desembarcar em Lota. O distrito faz fronteira com território chileno ao sul e ao norte, e era até então – e na verdade continua sendo terra livre indígena onde os brancos não têm poder, pois ainda não puderam sobrepujar os araucanos. Lota, não muito distante, é uma estação de carvão chilena na costa do Oceano Pacífico, até hoje o único lugar na Araucânia onde os chilenos se impuseram. Aí, contudo, lhes convém a imigração de alemães, para a qual, em tais condições, não poupariam despesas. Nossas famílias alemãs são simplesmente atiradas lá, e quando os índios irromperem por lá, matarem seus jovens, levarem suas mulheres e filhas para si – aí é só mandar vir mais famílias³⁵

³⁴ Außerdem muß er sich über die geographischen Verhältnisse sowohl wie über die politischen des Landes, nach dem er befördert werden soll genau bei Leuten erkundigen die ihm auch wirklich Auskunft darüber geben können, denn gerade in neuster Zeit haben wir ein Beispiel wie dringend nöthig das ist. Página 7.

³⁵ Die Chilenische Regierung (eine der besten und zuverlässigsten in ganz Südamerika, wie sie sich wenigstens bis jetzt bewährt hatte) hat einen Contract mit einem Hamburger Schiffsrheder gemacht, ihr im ersten Jahr hundert, im zweiten zwei, im dritten dreihundert und sofort bis zum vierten Jahr, Familien hinüber nach Chile zu schaffen, für welche sie, für die Erwachsenen für den Kopf 40 Dollar Passage zahlt. Sie will den Ansiedlern dort gutes Land geben, verlangt auch Nichts für ihre Auslagen zurück, sondern wünscht allein ihr Land besiedelt zu bekommen. Das k l i n g t ausgezeichnet. Chile hat ein vortreffliches Klima, Tausende unserer deutschen Landsleute leben dort glücklich und in guten Verhältnissen, und die Regierung gilt überall als Vertrauen erweckend. Ich selber würde auch meinen Landsleuten mit Freuden gerathen haben, so günstige Anerbietungen zu benutzen. Aber sie sind eben zu günstig, und die Sache hat einen Haken. In dem Contract steht nämlich daß die Auswanderer nach Arauco geschickt und in Lota ausgeschifft werden sollen. Araukanien selber ist bekannter. Der Distrikt liegt von Chilenischen Regierungsbezirken im Süden und Norden begrenzt, und war bis jetzt – und ist eigentlich noch bis auf den heutigen Tag, freies Indianisches Land, in dem die Weißen keine Macht haben, weil sie die Araukaner noch nicht unterwerfen konnten. Neuerdings sind sie nun wieder mit

Apesar de todas as ressalvas apresentadas pelo autor ao público de leitores, pode-se perceber que Gerstäcker jamais se colocou contra a emigração, seja para o Brasil ou outro país. Pelo contrário, ele fomentava a vinda dessa gente com as descrições das paisagens em seus livros, a relatar o sucesso que as colônias do sul do Brasil haviam alcançado e por isso ele sempre indicava essa região como melhor destino, pois o clima seria agradável, e já havia exemplos de colônias que se desenvolveram, mas sem perder a identidade alemã.

No entanto, desejo acrescentar, por fim, que este conto não tem o propósito de dissuadir o emigrante de migrar para o Brasil. Apenas os distritos setentrionais devem ser evitados e, sobretudo a imigração por meio de um contrato parcial. Por outro lado, o sul do Brasil, principalmente as províncias do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e, em grande parte, do Paraná, se prestam perfeitamente à imigração de alemães. As colônias alemãs lá estabelecidas, já bastante conhecidas encontram bem (...) Encontram-se em uma agradável região climática e, além disso – o que é particularmente favorável para seu desenvolvimento posterior – junto do Oceano Atlântico, que lhes oferece fácil e rápido trânsito com a terra natal. E com isso entrego ao leitor estas páginas, e espero que elas lhe elucidem em certos pontos, em outros lhe chamem a atenção a algo que mais tarde possa ser útil para ele próprio ou para pessoas que com ele busquem conselho³⁶

gewaffneter Macht in Araukanien eingefallen, haben die Araukaner – wilde kriegerische Indianer, zurückgeworfen und sehen voraus daß sie das eroberte Terrain nicht selber besetzt halten können. Dazu paßt ihnen aber eine deutsche Einwanderung, die sie sich unter diesen Umständen auch gern etwas kosten lassen wollen. Unsere deutschen Familien sollen da hineingeschoben werden, und wenn die Indianer bei ihnen einbrechen, ihre jungen Leute erschlagen, ihre Weiber und Töchter mit fortschleppen – nun so läßt man eben wieder Andere nachkommen. Dem Contract selber sieht man das freilich nicht an, denn er lautet unverfänglich genug. Wer aber die Verhältnisse jenes Landes kennt, muß auch dem Auswanderer abrathen selbst diese scheinbaren Vortheile anzunehmen, weil sie nur eben scheinbar sind. Im g ü n s t i g s t e n Fall ist er jeden Augenblick der Gefahr ausgesetzt daß die Indianer über sein Land brechen, ihm sein Vieh wegtreiben und seine Erndten zerstören und er darf dort weder für sein Eigenthum wie selbst für sein Leben Sicherheit erwarten. Página 8.

³⁶ Zum Schluß will ich aber noch hinzusetzen daß diese Erzählung nicht etwa den Zweck hat Auswanderer von einer Übersiedlung nach Brasilien selber abzuhalten. Nur in die nördlichen Distrikte dürfen sie nicht gehen, besonders nicht auf solche Theilcontracte hin. Süd-Brasilien dagegen, und vorzüglich die Provinzen Rio Grande do Sul, Santa Catharina und zum großen Theil auch Parana eignen sich ganz vortrefflich zur deutschen Auswanderung. Die dort angelegten, schon sehr bedeutenden deutschen Colonien befinden sich wohl, und die Deutschen selber ordnen sich dort keineswegs der verdorbenen Portugiesischen Raçe unter, sondern h a b e n schon ein Übergewicht erlangt, das mit einer vermehrten Einwanderung dahin auch nur zunehmen muß. Außerdem befinden sie sich in einem gesunden Klima und – für ihre weitere Entwicklung besonders günstig – am Atlantischen Ocean, der ihnen einen leichten und raschen Verkehr mit dem Mutterlande bietet. Und somit übergebe ich dem Leser diese Blätter und hoffe daß sie ihn in Manchem aufklären, ihn auf Manches aufmerksam machen werden, was später entweder ihm selber, oder Leuten die sich bei ihm einen Rath erholen, von Nutzen sein mag. Página 9.

A partir de algumas passagens do conto, pretendeu-se deixar claro sobre seu caráter didático e demonstrativo quanto a sorte que aguardava os desavisados, por assinarem contratos mal feitos e fraudulentos em sua essência. Fica evidente ainda, o fato desse tema, os contratos de parceria, ser uma questão inquietante para o autor, se considerarmos a recorrência com que Friedrich Gerstäcker aborda o tema: primeiro no romance depois no conto. Em relação às obras, trata-se de duas fontes primárias que contém retratos de um Brasil receptivo aos imigrantes; devido a sua extensão, e ao meio em que se passa a narrativa (uma colônia) é o romance que oferece maiores possibilidades de análises, pois a obra está repleta de tipos instigantes, como o delegado Brasileiro, único português residente na colônia. Porém, o conto apresenta como narrativa principal o cuidado que emigrantes devem tomar ao sair do país, além de outras informações relevantes aos que desejavam deixar sua terra. Para melhor elucidar tudo que Gerstäcker exprime como pontos importantes antes da viagem de emigração, e não ficar só em suas palavras, o conto ilustra as afirmativas e precauções que o antecedem. Portanto, pela temática e a maneira como o autor demonstra sua preocupação, o conto pode ser elevado à categoria de excelência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se, ao longo desse trabalho, mostrar o quanto se pode apreender a partir de um estudo sobre uma obra publicada por um autor viajante, ainda desconhecido no Brasil. A análise partiu de um conto publicado no final do século XIX, escrito por esse viajante alemão após sua estadia no Brasil, onde tomou conhecimento sobre a farsa que envolvia os contratos de parceria, assinados por inúmeros imigrantes, iludidos com situações fantasiosas sobre o Brasil; para o imigrante, essa era uma maneira fácil para vir, pois não pagaria nada de imediato – referente aos custos da viagem, ou sua instalação no novo país -, mas futuramente esse valor seria quase impossível de ser quitado. O montante da dívida manteria o imigrante preso ao fazendeiro que havia pagado as despesas da viagem.

Uma expressão citada no presente trabalho remete e representa a situação que os enganados se encontravam após pisarem em solo brasileiro: a escravidão branca. Os recém-chegados eram obrigados a trabalhar para pagar a dívida e com isso, garantir sua liberdade. Aos olhos da época, não havia nenhum estranhamento ao fato de escravos negros trabalharem arduamente, às vezes sob pesados castigos físicos. Mas ver um branco em condições semelhantes alarmou países com a Prússia, que logo tratou de restringir a vinda de imigrantes.

Por fim, acredita-se que foi possível - através desse trabalho - apresentar ao leitor, seja pesquisador ou não, o autor Friedrich Gerstäcker e o que este produziu a partir da temática “contratos de parceria”, ainda pouco estudada. Acredita-se que o autor e suas publicações merecem maiores estudos, posto a complexidade das obras e as inúmeras possibilidades de pesquisas nelas contidas.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTIN, Günther. *Um novo viajante na literatura de viagem*. Disponível em <<http://www.revistas.fflch.usp.br/linhadagua/article/view/133> Acesso em 14 de maio, 2014.
- CÉZAR, Temístocles Américo Côrrea. *O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX*. In: **História Unisinos**. Vol. 11, n. 3 - setembro/dezembro 2007, p. 306-312.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a História entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre, Editora Universidade UFRGS. 2002.
- FALEIROS, Rogério. SOUZA, Bruno Gabriel. *O Sistema de Parceria e a Formação do Mercado de Trabalho Livre no Brasil: Aspectos Inerciais (1840-1930)*. Disponível em http://www.anpec.org.br/encontro/2012/inscricao/files_I/i2-0a8ddf43053be4cf6912350091cf942a.pdf Acesso em 27 de fevereiro, 2014.
- FAUSTO, Bóris. *Fazer a América : a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo : Ed. da USP, 1999. 577 p.
- Fundação João Pinheiro. Centro de estudos históricos e culturais. *A colonização alemã no vale do Mucuri*. 207 p. Belo Horizonte, 1992.
- GAZZINELLI, Cibele M. Diniz Figueirêdo. *A imigração alemã no Vale do Mucuri: territorialidade e identidade*. Disponível em < http://www.fenord.edu.br/revistaaguia/revista2012/textos/artigo_04.pdf>. Acessado em 27 de março, 2014.
- GERSTÄCKER, Friedrich. **Ein Parcerie-Vertrag. Erzählung zur Warnung und Belehrung für Auswanderer und ihre Freunde**. Leipzig: Ernst Keil, 1869. Disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/43892/43892-h/43892-h.htm>>
- _____ . *Die Colonie – Brasilianisches Lebensbild*. Hermann Constanoble, Leipzig, 1864.
- Gutenberg-Projekt*. Primeiro volume disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/30631/30631-h/30631-h.htm#kap1>>. Acesso em 06 de dezembro de 2012.
- Gutenberg-Projekt*. Segundo volume disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/30814/30814-h/30814-h.htm>>. Acesso em 06 de dezembro de 2012.
- Gutenberg-Projekt*. Terceiro volume disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/39545/39545-h/39545-h.htm#TOC01>>. Acesso em 06 de dezembro de 2012.
- GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso. Um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)**. 2006. 356 f. Dissertação

(Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

-GREGORY, Valdir. *Imigração alemã no Brasil*. Disponível em < <http://www.kas.de/wf/doc/10985-1442-5-30.pdf>> Acesso em 14 de outubro, 2014.

--GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *Fatos que realmente aconteceram? Considerações sobre História e Literatura*. P. 369/384. In: **História e Ideologia: perspectivas e debates**. UPF. 2009

- HUBER, Valburga. *A imagem europeia/alemã do Brasil: os viajantes, os escritores, o cancionero popular*. Disponível em < http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_valb1.pdf> Acesso em 10 de outubro, 2014.

_____. *A Literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil*. Disponível em < http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_valb2.pdf> acesso em 28 de março, 2014.

-JUNIOR, Raul Rebelo Vital. *Caminhos da colonização alemã no Rio Grande do Sul: políticas de Estado, etnicidade e transição*. In: Releituras da História do Rio grande do Sul. CORAG- Companhia Rio-grandense de artes gráficas. 1ª edição. Porto Alegre, 2011. Disponível em < <http://www.igt.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/06/Caminhos-da-coloniza%C3%A7%C3%A3o-alem%C3%A3-no-RS.pdf>> Acesso em 20 de outubro, 2014.

-LAMOUNIER, Maria Lúcia. **Formas da transição da escravidão ao trabalho livre: a lei de locação de serviços de 1879**. 1986.183 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, SP. 1986. Disponível em < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000017666>> Acesso em 06 de agosto, 2014.

-LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo, SP : Companhia das Letras, 2006. 434 p.

- LISBOA, Karen Macknow. *Insalubridade, doenças e imigração: visões alemãs sobre o Brasil*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.119-139.

- LLOSA, Mario Vargas. **La verdade de las mentiras**. Editora Seix Barral. Perú. 1990.

MOREIRA, Bruno Alessandro Gusmão. *Os Relatos dos Viajantes Estrangeiros no Brasil Oitocentista: Possibilidades Historiográficas*. In: CICLO DE ESTUDOS HISTÓRICOS, 20, 2009, Ilhéus. Anais. Ilhéus: UESC, 2009. Disponível em < http://www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anais/bruno_alessandro_gusmao_moreira.pdf> Acesso em 20 de julho, 2014.

-NEUMANN, Gerson Roberto. *O Brasil na literatura alemã do século XIX e a temática da imigração: as obras em prosa*. In: Espaço Plural. Ano IX. Nº 19, jul./dez 2008. Uso de itálico no título.

_____ *A temática da emigração alemã para o Brasil em obras de três autores da literatura alemã do século XIX: Amalia Schoppe, Friedrich Gerstäcker e Joseph Hörmeyer*. MÉTIS: história & cultura – v. 4, n. 8, p. 37-59, jul./dez. 2005

_____ *Friedrich Gerstäcker, o viajante alemão que palestrou no Salão da Real Academia Militar do Rio de Janeiro*. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 38, supl., p. S108-S115, nov. 2012.

-ROMANO, Luís Antônio Cantatori. *Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea*. Revista Estação Literária Londrina, Volume 10B, p. 33-48, jan. 2013. Disponível em <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10B-Art3.pdf>> Acesso em 10 de agosto, 2014.

-SANTOS, Cleyton Rodrigues. *Da escravidão à imigração: a transição do trabalho escravo para o trabalho livre assalariado no Brasil*. Disponível em <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/Juridica/article/viewFile/121/124> Acesso em 20 de março, 2014.

-SECO, Ana Paula. *Um olhar sobre a educação na colônia: os viajantes estrangeiros*. Disponível em <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/A/Ana%20paula%20seco.pdf> Acesso em 12 de junho, 2014.

-SEYFERTH, Giralda. *Colonização, imigração e a questão racial no Brasil*. REVISTA USP, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/53/12-giralda.pdf> Acesso em 25 de março, 2014.

-SILVA, Weder Ferreira. **Colonização, política e negócios: Teófilo Benedito Ottoni e a trajetória da Companhia do Mucuri (1847-1863)**. 2009. 200 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto, MG. 2009

-SPINASSÉ, Karen. *Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo*. Conexão Letras. Porto Alegre. Vol. 3, n. 3 (2008), p. 125-140. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20697/000672150.pdf?sequence=1> Acesso em 10 de abril, 2014.

- VIEIRA, Fernanda Gil Portela. *A ficção como limite: reflexões sobre o diálogo entre história e literatura*. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n.17, p. 13-31, 2009.

-WEYRAUCH, Cleia Schiavo. *A imigração alemã em Minas Gerais (modernidade e imigração no vale do rio Mucuri)*. In: Anais do IV Simpósio sobre imigração e cultura alemãs na grande Florianópolis e I

Simpósio brasileiro sobre imigração e cultura alemãs /organizado por Max José Müller.- Florianópolis:
Nova Letra, 2011. 272 p.

-WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaio sobre a crítica da cultura**. São Paulo, Edusp. 1978.